



★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

ZERO

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - FLORIANÓPOLIS, JULHO DE 2015 - ANO XXXIV, NÚMERO 4

EDUCAÇÃO INDÍGENA

Graduação ajuda a fortalecer tradição,
mas desafio de superar diferenças
linguísticas e culturais permanece
Páginas 8 e 9

Mundial de futebol americano

Em sua primeira participação,
atletas da seleção brasileira
sonham com as semifinais

Páginas 6 e 7

As novas drag queens de Floripa

Elas mostram que os padrões
de gênero e de estética corporal
precisam ser contestados

Páginas 14 e 15

Trinta e duas despedidas e um obrigado

Não podemos dizer que foi um semestre com pouco trabalho. Fomos às ruas ouvir manifestantes, navegamos nas profundezas da internet, demos voz aos que não são ouvidos pela grande mídia... A cada edição, aprendemos um pouco mais a fazer jornalismo e a amar a profissão que escolhemos.

A edição que você tem em mãos, que é a última produzida pela nossa equipe de 32 alunos, também não foi diferente: visitamos comunidades indígenas, acompanhamos a produção de *drag queens*, entrevistamos os catarinenses que irão representar o país no Mun-

dial de Futebol Americano e conversamos com várias pessoas com histórias surpreendentes. Mesmo com todos os trabalhos finais, não faltou dedicação e esforço para contar boas histórias.

Esperamos que você, leitor, que nos acompanhou durante todos esses meses, tenha gostado do nosso trabalho. E torcemos, também, para que as próximas equipes que virão consigam aproveitar ao máximo a experiência que o *Zero* nos proporcionou.

Nos despedimos desejando a você uma ótima leitura!



OMBUDSKIVINNA — Laura Capriglione

Excelente a pauta levada para a capa da Revista. Temos assistido a um número impressionante de ataques às religiões de matriz africana, e o tema é mais do que atual. Considero, entretanto, que a reportagem se esquivou do foco da crise religiosa, transformando-a em um bate-boca burocrático. Creio que fez falta um box sobre os ataques que os terreiros e adeptos da Umbanda e do Candomblé vêm sofrendo por parte de fundamentalistas neopentecostais. Gostaria de ressaltar a qualidade da diagramação e das fotos dessa dupla de páginas.

Outro ponto de destaque na pauta deste mês do *Zero* foi a entrevista com a MC Bárbara Sweet. Entrevista inteligente, forte. Referência. Eu apenas gostaria de mencionar uma técnica que uso em minhas entrevistas e que em geral rende revelações importantes. Se eu estivesse entrevistando a Bárbara, feminista que é, não hesitaria em prospectar seu posicionamento em relação ao aborto. Se ela fosse favorável, perguntaria a ela por quê. A seguir, avançaria mais uma casa: você já fez um aborto? Não se trata de curiosidade banal. Acho fundamental o testemunho pessoal dos formadores de opinião como forma de enfrentamento dos temas-tabus. Sobre drogas, vale o mesmo...

Também gostei da matéria da pesca de tainhas. Ótimas fontes entrevistadas, bom apro-

fundamento técnico. Legal o mapa das milhas náuticas e o tipo de embarcação permitida. Lindas as fotos da pesca artesanal. Senti falta apenas do contraponto iconográfico da pesca industrial e semi-industrial, feita com o emalhe costeiro.

A-do-rei o obituário do cachorro Frederico. Lindo e comovente texto. O final é precioso.

Excelente a polêmica sobre a acessibilidade da UFSC. Surpreendi-me com o número de alunos surdos na universidade — 200 —, certamente muito mais do que os existentes na USP. Talvez a UFSC seja mesmo um modelo de inclusão de pessoas com deficiência, apesar dos problemas que a reportagem corretamente aponta. Acho, por isso, que teria sido legal se tivéssemos ouvido a Reitoria e os órgãos responsáveis pela acessibilidade no câmpus.

Muito boa a reportagem sobre o futebol feminino e o Kindermann. Ótimas fontes entrevistadas, ótimo texto, pauta surpreendente. Pena que a diagramação tenha socado as fotos como socou. Eu teria reduzido a entrevista com o cartola em prol de uma diagramação mais arejada, que desse mais peso à fotografia.

Corretas e necessárias as pautas sobre a eleição do DCE, o Centro de Desportos, a Feirinha de Orgânicos, as bikes e as praças no Continente.

NOTA DA REDAÇÃO

Resposta ao memorando número 020/2015/CCGNFR da Coordenação do curso, Departamento e Pós Graduação em Enfermagem.

A equipe do *Zero* entende que:

1. Segundo os critérios de noticiabilidade, a reportagem justifica-se de acordo com sua relevância, proximidade, interesse e identificação.

2. A apuração em nenhum momento feriu os preceitos éticos da profissão, já que a angulação da reportagem está sujeita a mudanças à medida que surgem novas informações.

3. A equipe tinha o conhecimento da carta escrita pelo Centro Acadêmico Livre de Enfermagem (CALEnf), mas, por não ser o tema central da reportagem, optou por não publicá-la, levando em conta que se tratava de uma retratação dos estudantes pela publicação da nota de repúdio na página do Facebook do centro acadêmico. O foco da reportagem pautada pelo *Zero* era o caso em si e a forma como o curso lidou com ele.

4. O *Zero* entende que não feriu o princípio da livre expressão, porque todas as fontes foram procuradas e tiveram a oportunidade de serem ouvidas. Reafirmamos nossa preocupação em garantir espaço a todos os envolvidos quando decidimos adiar em uma semana a publicação da edição, para que, enfim, pudéssemos realizar uma segunda entrevista com a coordenadora do curso. No entanto, as repórteres só foram recebidas pela vice-coordenadora, via Skype, apesar de inúmeras tentativas e propostas de datas através de e-mail, telefone e visitas ao Departamento de Enfermagem.

Equipe Zero

ERRATA

O *Zero* reconhece que cometeu um equívoco no trabalho de edição em:

• Chamada de capa, linha fina e subtítulo: a redação "Assédio moral na Enfermagem", "Hierarquia engessada e vertical dificulta diálogo com a coordenação do curso e abre brecha para casos de assédio, como o sofrido pela estudante Suzane da Costa* no ano passado" e "Para especialistas, aluna sofreu assédio moral", dessa forma afirma que o caso relatado na reportagem se enquadrava como assédio moral. Porém, só tínhamos a confirmação de um dos três especialistas que analisaram o acontecimento a partir dos relatos das fontes citadas.



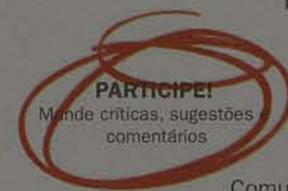
E-mail - zeroufsc@gmail.com

Telefone - (48) 3721-4833

Facebook - /jornalzero

Twitter - @zeroufsc

Cartas - Departamento de Jornalismo - Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Trindade, Florianópolis (SC) - CEP: 88040-900



ZERO

JORNAL LABORATÓRIO ZERO Ano XXXIV - Nº 4 - Julho de 2015 **EQUIPE** Anaíra Sarmento, Anderson Spessatto, André Picolotto, Aramis Merki II, Beatriz Santini, Bruna Carolina, Cintya Ramlov, Djalma Júnior, Elva Gladis, Gabriela De Toni, Giuliane Gava, Glória Irulegui, Guilherme Pereira, Iuri Barcellos, João Ziert, Larissa Gaspar, Leonardo Franzoni, Leonardo Lorenzoni, Lucas Amarildo, Luiza Kons, Luiz Fernando Menezes, Manuela Tecchio, Maicon Rios, Marina Gonçalves, Matheus Moreira, Michele de Mello, Natália Duane, Nicolas Quadro, Rômulo Garcia, Samantha Sant'Ana, Tiago Ghizoni, Vitória Greve **EDIÇÃO** Beatriz Santini, Djalma Júnior, Luiz Fernando Menezes **PROFESSOR-RESPONSÁVEL** Marcelo Barcelos MTb/SP 25041 **MONITORIA** Luísa Tavares, Mateus Vargas **IMPRESSÃO** Gráfica Graf Norte **TIRAGEM** 5 mil exemplares **DISTRIBUIÇÃO** Nacional **FECHAMENTO** 10 de julho

Melhor Jornal Laboratório - I Prêmio Foca Sindicato dos Jornalistas de SC 2000

Melhor Jornal-Laboratório EXPOCOM SUL 2015

3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil EXPOCOM 1994

Melhor Peça Gráfica Set Universitário / PUC-RS 1988, 1989, 1990, 1991, 1992 e 1998

Sites dinamizam indústria cultural no Brasil

Santa Catarina contabiliza mais de 800 mil reais em investimento de produções

Seus olhos brilhavam, o movimento de suas mãos era suave como o tom de sua voz. E nada era mais elegante que sua postura. Ela respirava arte e seu sonho é a dança. Lidiani Emerich sorri ao lembrar do espetáculo Moebius de dança de salão. Produzido por integrantes da Grão Companhia de Dança de Florianópolis, o projeto é um dos mais de 1.800 projetos já viabilizados no Catarse — primeira e maior plataforma de financiamento coletivo do Brasil, criada em 2011.

Esse tipo de iniciativa, também chamada de *crowdfunding* em inglês — *crowd*, multidão, e *fund*, financiamento —, consiste na obtenção de capital para projetos de interesse coletivo através de múltiplas fontes de custeio. Se a meta for atingida no tempo previsto, quem investiu na ideia ganha recompensas e, e geral, o site fica com uma porcentagem do investimento. O Catarse, por exemplo, fica com 13% do total arrecadado. Se o projeto não conseguir a quantia estabelecida dentro

do prazo o dinheiro é devolvido aos apoiadores. Assim, milhares de desconhecidos têm contribuído para que iniciativas, antes impossíveis, saiam do papel.

O espetáculo Moebius de dança de salão só pode ser realizado com o apoio do público. Foram arrecadados R\$ 16.805,00. A meta inicial era R\$ 15 mil. “Como ainda somos um grupo jovem e na época não tínhamos nenhum currículo vimos no Catarse uma oportunidade de reunir nossa rede de contatos e fazer com que esse projeto pudesse ser real”, afirma Lidiani. A bailarina aponta a falta de incentivo à cultura no Brasil como motivação para as contribuições aos projetos independentes: “As pessoas se sentem parte de um projeto e querem que outros tenham acesso, a consciência coletiva é muito forte nesse aspecto”.

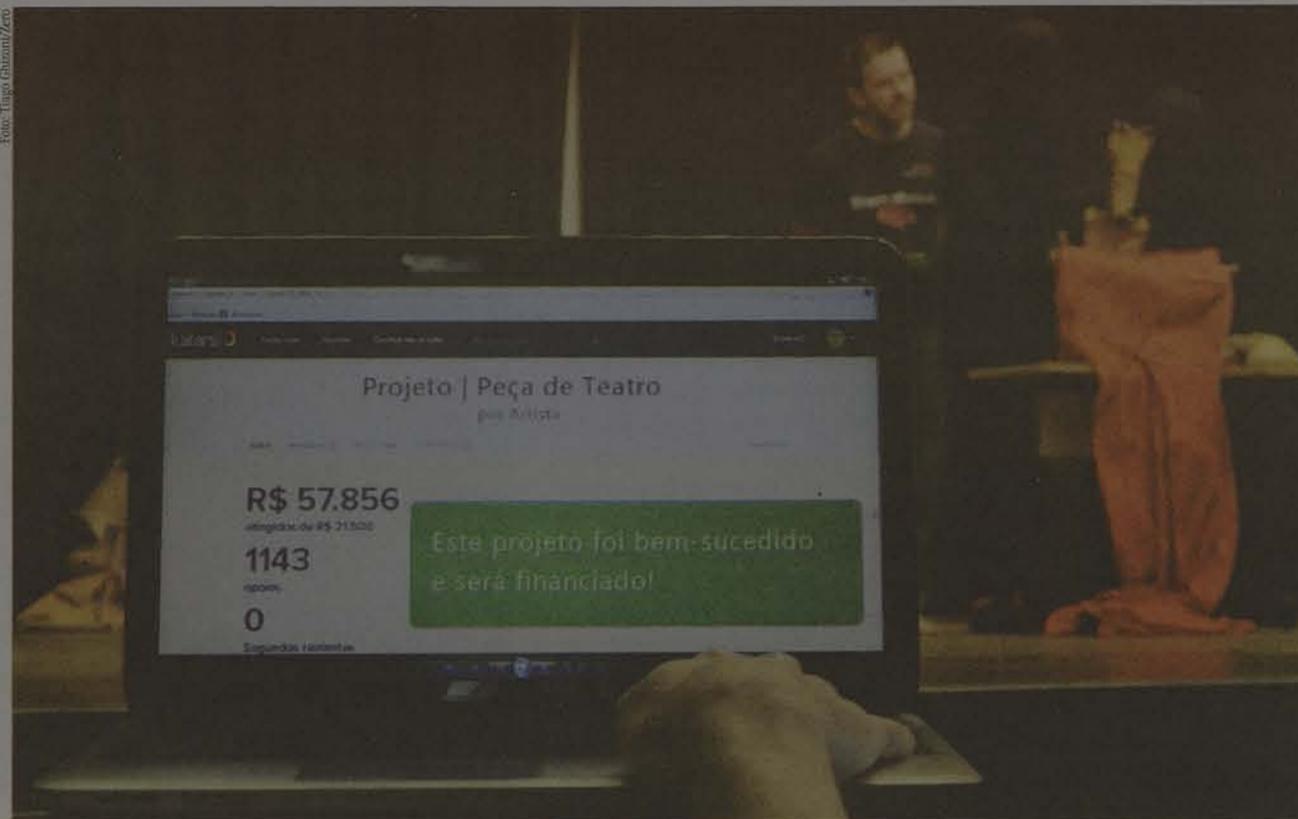
A banda Dead Fish, de Vitória (ES), lançou ano passado um projeto no site para a produção independente do 7º álbum. Em 45 dias de campanha, o grupo bateu recorde de maior financiamento coletivo na história do país. O feito garantiu três premiações: maior arrecadação, alcance de meta

mais rápido e maior arrecadação em 24 horas. “Era complicado entender que estávamos vendendo algo que as pessoas não ouviram. O resultado foi uma lição pra todos nós, percebemos o quanto temos respaldo com os fãs”, disse o vocalista da banda, Rodrigo Lima. Com 3.210 apoiadores, o projeto arrecadou mais de R\$ 250 mil. O valor arrecadado além do previsto pode ser reinvestido na banda, que produziu clipes e comprou equipamentos. E os apoiadores do projeto receberam brindes, como bilhetes para tours fora do Brasil. “Isso é perfeito, uma democracia na sua concepção mais radical. Sem intermediários, puro mérito, porque saímos da coerência das massas, do ‘é o que vende’, dos que dominam essa indústria, é realmente revolucionário. Fico feliz em poder ajudar vários projetos”.

Conforme Anthony Ravoni, remixer de informações do Catarse, a plataforma se tornou uma ferramenta de resistência. Para ele, existe um sistema apenas interessado em obras apresentadas como “investimentos culturais seguros” de realizadores consagrados.

O Catarse possui mais de 210 mil apoiadores. Dos quase R\$ 30 milhões já arrecadados, mais de 800 mil vieram de Santa Catarina, sendo 500 mil apenas de Florianópolis, que conta com 60 projetos. A capital é a 8ª cidade que mais contribui com iniciativas no país. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre lideram este ranking. Das 80 iniciativas catarinenses, cerca de 10 mil pessoas contribuíram com aproximadamente um milhão de reais.

Embora cerca de 80% dos projetos subsidiados no Catarse sejam voltados para arte e cultura, outras iniciativas com enfoque na educação, ciência e tecnologia foram bem sucedidas. Em 2011, Cecília Cussioli e Letícia Arcoverde, ex-alunas do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), submeteram um proje-



Projetos mais comuns no Catarse são de exposições como peças de teatro, álbuns musicais, revistas e exposições fotográficas

to para arrecadar verba na produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), uma reportagem multimídia. “São Paulo Polifônica” foi o 6º projeto na história da plataforma. Para a jornalista, a vantagem é que a internet ampliou o acesso a projetos de nichos específicos. “Se eu quero ler um fanzine de HQ sobre feminismo, por exemplo, não preciso esperar uma grande editora analisar o mercado, ver se existe demanda pra isso, e decidir publicar. Certamente tem alguém produzindo isso em algum lugar”, completa.

Daniel Silva Santos trabalha na produção de games e já desistiu de submeter um projeto por conta de certas exigências. Para ele, a pessoa que deseja ter uma ideia bem sucedida deve bancar tudo inicialmente. “Em geral, o vídeo dá a sensação de ‘quero que isso seja viabilizado’, mas nós não temos dinheiro pra pagar uma boa produção. Quem consegue emplacar projetos são aqueles que já têm estabilidade como produtor, pelo menos é o que acontece nos

jogos digitais. Então, nesses casos, a plataforma tem um caráter de pré-venda e não de apoiar a ideia”.

A Lei Federal de Incentivo à Cultura, 8.313/91, conhecida como Lei Rouanet, possibilita que cidadãos e empresas apliquem parte do Imposto de Renda devido em ações culturais. Além de ter benefícios fiscais sobre o valor do incentivo, esses apoiadores fortalecem iniciativas culturais que não se enquadram em programas do

Ministério da Cultura (MinC). Ainda assim, Ravoni, do Catarse, defende que a Lei não é suficiente. “Mesmo sendo a principal forma de financiar projetos artísticos e culturais no Brasil, as empresas, especialmente as gigantes, perceberam que a melhor opção era apoiar produtos culturais bem estabelecidos de agentes culturais famosos no país. Transformam em um mecanismo de marketing com ótimo custo-benefício”.

Para Márcio Vieira de Souza, professor da Pós-graduação de Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC) da UFSC, há um movimento crescente do voluntariado e de democratização do conhecimento e da cultura no Brasil, que se dá basicamente na internet e é facilitado por ela. “Isso acontece, pois o mundo está tão privatizado, o individualismo é extremamente explorado

e o consumismo também, que quando surge uma oportunidade as pessoas querem ajudar”. Porém, o professor defende que embora o *crowdfunding*

contribua para a indústria criativa no país, ele não é suficiente. “Para transformar criatividade em inovação e isso em inovação tecnológica, precisa-se de apoio, política pública, gestão e planejamento. Só assim a nossa criatividade se transformará em inovação e tecnologia e aí, em possibilidades de educação, formação e até de movimento industrial e comercial”.

Anaíra Sarmento
anairasarmiento@gmail.com

Dia mundial do skate, pista lotada e reformada

Skatistas utilizaram materiais de obras públicas para restaurar estrutura de mais de 10 anos

O visual era de gala no estilo *street*: jeans mais justo, camiseta larga, meias cano alto, tênis Vans - ou Globe, ou DC Shoes, ou Qix... tanto faz, pois o que define o estilo é o estado de (má)conservação do "pisante". No dia 21 de junho foi mais ou menos com essa "beca" que cerca de 300 skatistas se reuniram na pista da Trindade para comemorar o dia mundial do skate. Além da efeméride, os frequentadores da Trindade Times (apelido da pista) também comemoraram o ano de conquistas independentes para a revitalização do espaço.

A reforma da pista de skate da Trindade, iniciada em janeiro deste ano foi idealizada e projetada com a participação de mais de 50 pessoas da comunidade. O material para construção veio de fontes diversas. No início, até foi pego de uma construção da prefeitura que estava sendo realizada nas proximidades: areia, entulho, ferro. O cimento foi comprado com o dinheiro que juntaram, cada um contribuindo como podia. Os *coping blocks* (tipo de "borda" da piscina, onde são feitas as manobras) foram doados por André Barros, pai do manezinho pentacampeão mundial de skate na modalidade *bowl*, Pedro Barros.

Sobre o fato de terem arrumado materiais de outras obras públicas, Vitor Sussekind (o "Vitinho") diz que "o que não é legal é uma pista ter dez

anos e nunca receber uma reforma. A gente pegou [o material] e nem fez falta para eles. Então, não tem lado negativo porque não é para um patrimônio particular, é pra comunidade. Somos os 'Robin Hoods do skate'". Vitinho conta que, no começo da reforma, a polícia "apareceu algumas vezes, mas logo parou de vir". Também conta que, em certo dia, um funcionário da prefeitura estava dirigindo um trator próximo da pista e "deu uma mão para carregar um carrinho de supermercado", usado para transportar entulhos. Outro fato que poderia complicar a vida dos "Robinwoods" é a falta de uma autorização, exigida pela prefeitura, para construir em local público. Seria necessário apresentar um projeto para análise da Secretaria de Obras. Questionada sobre a reforma independente da pista, a Secretaria disse que, provavelmente, a prefeitura não teria objeções em liberar a execução.

A pista foi construída originalmente em dezembro de 2004, antes até da construção do Shopping Igatemi do outro lado da avenida Governador Irineu Bornhausen. Naquela época, as ruas em torno não eram pavimentadas e toda a região servia de pastagem para cavalos. Hoje, a pista coleciona muitas histórias, além de ter sido "berço" de muitos skatistas, como André Barros, e palco de festas com dj's e bandas. O local em que a pista está ainda conta com um campo de futebol, uma quadra de futsal e um parquinho infantil, somando 11 mil metros quadrados. O terreno foi concedido na gestão do então prefeito de Florianópolis, Dário Berger (PMDB). A doação foi uma promessa feita ao presidente do Clube Atlético Catarinense - mais conhecido como Galo da Trindade - Sérgio Machado, o 'Galinha'.

A década de convivência entre Galinha e os skatistas soma desavenças. Uma das "tretas" é



Construída em dezembro de 2004, a pista da Trindade foi o berço de grandes skatistas, como André Barros

decorrente da "invasão" da quadra de futsal, que hoje foi equipada com vários obstáculos de *street* (modalidade em que os skatistas fazem manobras em escadas ou corrimões). Os skatistas alegam que o espaço havia sido apostado com o pessoal que usava a quadra: quem vencesse os amistosos de futsal ficaria com o mando da quadra. E os skatistas venceram todas as partidas. Galinha diz que "isso não aconteceu. É história. Nós liberamos o campo de futsal para eles construírem".

Também há atritos quando o assunto é a reforma da pista. Galinha acusa os skatistas de terem "pegado sem permissão" a areia de um campo de futebol que ele havia construído para treinar os 115 alunos da escolinha de futebol na qual é fundador e que mantém através da ajuda da

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Daí em diante, são só acusações: Igor Cruz, um dos skatistas, diz que Galinha havia prometido dar as tintas para a pintura da Nave Mãe — primeiro obstáculo público que possui *coping block* —; suspeita que Galinha seja o responsável pelo sumiço dos entulhos que seriam usados para preencher os buracos dos obstáculos... Hoje, estão fechados num acordo: Galinha ajudará os skatistas a conseguirem mais entulho, mas devem apresentar um projeto da obra.

Apesar dos seis meses de trabalho na reforma, a construção de 11 obstáculos e os novos grafites, a estrutura da pista continua inadequada. O piso, que deveria ser feito de granelite, é de concreto comum e os obstáculos são de concreto alisado. Ambos se desgastaram com o tempo e se tornaram uma superfície áspera, perigosa para

os skatistas, principalmente aos iniciantes. No ano passado, a Prefeitura de Florianópolis anunciou a reforma de cinco pistas de skate da cidade. A única em execução é a da Costeira do Pirajubaé. A próxima seria a da Trindade, mas que, segundo o engenheiro civil responsável pela obra Ivan Luiz Schneider, provavelmente não vá acontecer por falta de verba.

Vitinho defende que o estilo de vida do skate deve ir além da pista: "o skate é estilo de vida, como se fosse uma arte. O artista pinta quando quer pintar, não precisa ir em um lugar próprio para isso. A cidade deveria estar preparada".

"A gente pegou e nem fez falta. Não tem lado negativo porque é para a comunidade."



Daiane Nora
kizi_201@msn.com
Djalma Júnior
j.djalma.jr@gmail.com

Quando medo e pavor atrapalham a rotina

Fobias graves, quando não tratadas, podem gerar intensos problemas psicológicos

Você já pensou o quanto uma esponja ou ovas de peixe podem ser aterrorizantes? Não parece algo muito específico para se ter medo? Pois não é, e esse comportamento tem até um nome: tripofobia. É o medo de círculos ou buracos juntos em superfície orgânica.

A estudante da UFSC, Lara*, acordou diversas vezes com pesadelos porque imaginava dezenas de bolinhas espalhadas por seu corpo. Os sonhos pararam, mas sementes de um mamão, estrela do mar e até bolhas de ar em uma omelete ainda a aterrorizam. O coração dispara, os músculos do rosto contraem, a sensação de nojo surge. Ignorar o objeto, às vezes, não é suficiente e sair do local pode ser a única solução imediata.

A palavra fobia vem do grego e significa medo. Quando adicionada a prefixos vindos também do grego ou latim, dão nome a centenas de transtornos: Aracnofobia, medo de aranhas; Acrofobia, medo de altura; Escotofobia, medo do escuro. Tudo pode ser um objeto de medo.

Há algumas explicações que esclarecem a forma como as fobias se desenvolvem. O psiquiatra, Luciano Langie, atribui duas causas principais. A primeira é ambiental. Por exemplo, quando uma criança cresce vendo a mãe ou o pai sentir medo de uma barata, ela pode entender que aquilo é o correto. A segunda forma é a traumática: uma experiência ruim com um animal em específico pode deixar medo para sempre se não tratado.

Rita Maria Manso, psicanalista, explica que a causa de todos os medos está ligada a transposições de angústias e afetos a algo, uma vez que os medos podem ser transferidos para qualquer coisa. Um dos casos mais famosos na psicanálise é o de Hans, que conta a história de um menino que desloca todas as angústias e problemas enfrentados com os pais para a figura de um cavalo, gerando assim um pânico do animal. Aliás, esse medo também tem nome, Equinofobia.

Os sintomas das fobias têm formas e níveis distintos de se manifestar. A estudante da UFSC, Mariane*, também sofre de Tripofobia e conta que círculos simétricos não a incomodam, mas sente um nojo extremo quando vê, por exemplo, os furinhos que se formam ao descascar um abacaxi.

Lara e Mariane riem contando diversas situações constrangedoras em que se depararam com as bolinhas. Muitas pessoas próximas costumam testar as garotas mostrando imagens das coisas que elas sentem medo. Mas as meninas avisam que, mesmo aprendendo a conviver com a fobia, não é uma atitude engraçada: O nojo, incômodo, tremor, suor, taquicardia são alguns dos sintomas básicos de quando um fóbico se depara com o objeto do medo.

A psicanalista, Rita Manso, explica que todo sujeito sente medo de algo. No entanto, a situação pode ser grave se interfere na rotina e paralisa o indivíduo. É isso que acontece com a administradora de uma rede de cafés, Bruna Remeddi, que demonstra sintomas graves de fobia.

Aos nove anos de idade, caiu dentro de um tanque de peixes e, desde então, não consegue nem olhar para o animal. "Tem sido um problema chato. Cheguei a vomitar em um consultório quando vi um aquário na recepção." Bruna costuma ter desmaios, dores de barriga e já deixou de frequentar diversos espaços por saber que havia referências ao animal. Depois de dois anos com acompanhamento psicológico, hoje ela já consegue ver fotos de longe e pratos preparados com peixe. Mas comê-los, entrar no mar ou encarar de perto o peixe ainda está fora de cogitação.

E as mulheres, é verdade que elas estão mais propensas a

desenvolver fobias? Rita Manso afirma que o feminino fica mais desprotegido naturalmente, por estar mais ligado à incompletude e à castração. Já o homem, se autointitula completo e alheio a problemas. O psiquiatra, Luciano Langie, diz que a probabilidade de um homem ou mulher desenvolver uma fobia são iguais, mas mulheres têm mais facilidade em expor seus problemas psicológicos, enquanto o homem costuma mascarar qualquer tipo de problema.

Nitidamente incomodada com os cabelos longos e soltos da repórter do Zero, a bombeira Ana*, de cabelos impecavelmente amarrados, revela sofrer de Caetofobia, medo de pelos e cabelos. A bombeira não sabe ao certo quando começou a desenvolver esse medo. Certo dia, ao ver um emaranhado de fios na pia do banheiro, acabou vomitando. Ana não se incomoda com pelos no corpo, o problema é quando vê fios no chão ou presos em algo. Com dois filhos pequenos, um menino de dez anos e uma menina de dois, escovar o cabelo da mais nova é uma tarefa do marido. "Quando comento com alguém, todos me ridicularizam, parece engraçado, mas não é". Ana relata que acabou desenvolvendo uma necessidade excessiva por limpeza, passa pano na casa no mínimo duas vezes ao dia e varre, sempre que possível, tudo para se livrar dos fios indesejados.

O não tratamento das fobias pode alastrar o medo

para outros objetos e desencadear quadros mais graves. O psicanalista Luciano Langie afirma que a maioria das fobias não precisa de intervenção de remédios - apenas casos muito extremos -, mas necessita de um bom acompanhamento clínico.

Uma das formas mais utilizadas para tratamento é a Psicoterapia Cognitivo-Comportamental (PCC). Por exemplo, se alguém tem Ptesiofobia (medo de viajar de avião), o PCC trabalha o medo através da aproximação com o objeto: ir ao aeroporto tomar um café, assistir decolagens e viajar em companhia do terapeuta. A psicanálise é outra forma de tratamento, e se propõe, com o auxílio de um profissional, interpretar as informações inconscientes, buscar a origem do medo e, a partir daí, tratá-lo.

Mas existem casos em que a pessoa sente o medo, e todos os seus sintomas, e não sabe explicar por que está se sentindo assim. A Síndro-

me do Pânico desencadeia tonturas, sensação de desmaio, dor, diarreia ou prisão de ventre e sudoreses. Esse transtorno é classificado como uma Fobia Social, e também costuma gerar medo exagerado e desproporcional de multidões, de falar em público, de ser humilhado, de demonstrar rubor, suor ou outro sinal de nervosismo.

Existe um documento, o CID 10, que cataloga e padroniza as doenças e problemas relacionados à saúde, tendo como referência a Nomenclatura Internacional de Doenças estabelecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS). A psicanalista Rita Manso explica que os traumas têm efeitos diferentes em cada sujeito e podem desenvolver sintomas bem distintos. Por isso, apesar dos manuais tentam dar conta, é difícil classificar o medo.

*Nomes fictícios

Agorafobia

Medo e ansiedade de estar em lugares longe de casa, lugares lotados ou de difícil saída

Ablutofobia

Medo de atividades como banho ou que envolvam limpeza

Eisoptrofobia

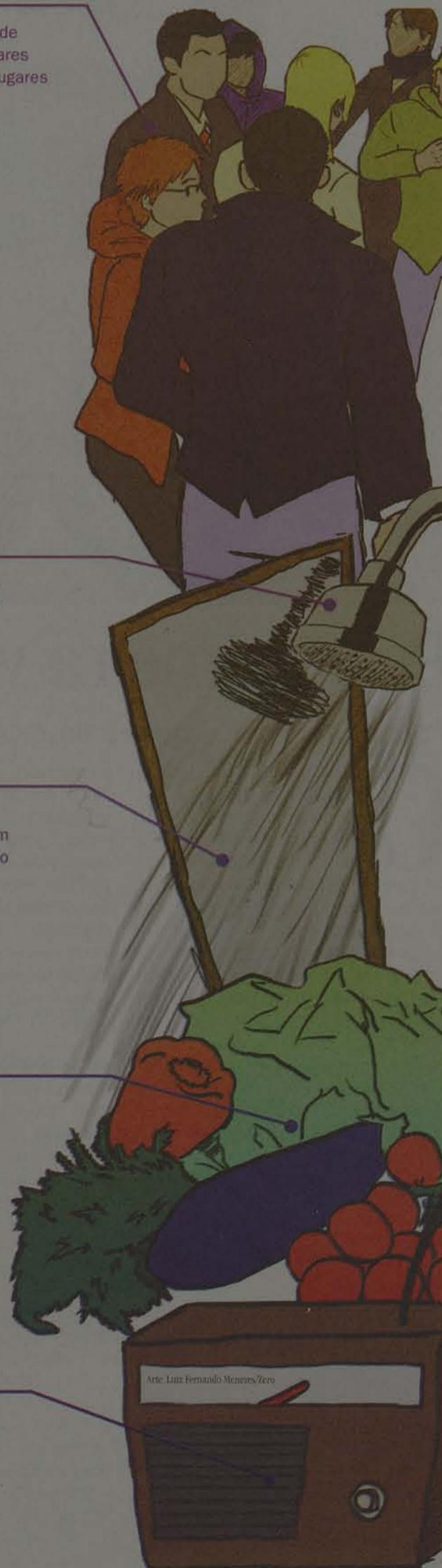
Medo de espelhos ou de ver a própria imagem refletida em um espelho

Lachanofobia

Medo de vegetais e verduras

Melofobia

Medo de música. Para algumas pessoas pode ser impossível estar em um local com música



Arte: Luiz Fernando Menezes/Zero

Glória Irulegui
iruleguigloria@gmail.com



Pela primeira vez, brasileiros chegam à Copa

Apesar das dificuldades financeiras e falta de estrutura, futebol americano cresce no Brasil

Costas arqueadas, ombros curvados, concentração nos jogadores adversários. Todos os detalhes devem ser milimetricamente vistos em um jogo de futebol americano. É estratégia pura. Muita gente só vê cabeçadas, encontros e porrada, mas cada ato pode ser explicado na teoria dos cadernos dos treinadores.

A posição de *linebacker* consiste em ficar cerca de quatro metros atrás da linha defensiva do próprio time que, na maioria das vezes, é de três ou quatro jogadores. Esse atleta deve evitar que os passes curtos funcionem, bloquear o ataque terrestre e derrubar o *quarterback* - o lançador da equipe. Essa é a posição de Gerson Santos, estudante de Engenharia Mecânica da UFSC, jogador e capitão da Seleção Brasileira de Futebol Americano.

Santos e o Brasil Onças, como o time é chamado, estarão em Ohio, nos Estados Unidos, representando o país na Copa do Mundo de Futebol Americano, que acontece dos dias 8 a 18 de julho. A vaga foi conquistada após a vitória em cima do Panamá, em fevereiro. "A gente vai com tudo. O legal é que a gente é a zebra. Nós somos o país do futebol, não do futebol americano, e é a primeira vez que a gente estará lá". A Seleção chegará em Ohio dois dias antes do começo da competição e, por isso, terá pouco tempo de preparação. O *playbook*, ou livro de jogadas, vem sendo implementado há meses, e qualquer dúvida dos jogadores é resolvida através de conversa por celular ou chamadas de vídeo via internet com a comissão técnica.

A Seleção chegará ao local do mundial apenas dois dias antes porque não tem uma estru-

tura para fazer uma concentração antecipada fora do país. Além disso, é difícil reunir todos os atletas, que vêm de várias partes do território nacional, porque todos têm seus empregos ou estudos e não dependem do futebol americano para viver. Santos é um exemplo. Nas últimas fases do curso, ele irá adiar sua formatura para aliar a faculdade e o futebol americano em alto nível: "Já que eu não vou em festa, não bebo, eu uso o esporte pra ser a minha válvula de escape. Mas como é alto nível, eu treino, faço fisioterapia, faço funcional, faço várias coisas que um estudante não faz. Sem tirar o tempo que eu gasto estudando, vendo vídeos sobre futebol americano".

A Copa do Mundo será dividida em dois grupos: O grupo "A" conta com Estados Unidos, México e Japão, os três primeiros do ranking. A Seleção Canadense seria a quarta equipe, mas desistiu da competição porque a data não era compatível com a agenda de boa parte dos jogadores, que preferiram se preparar para tentar uma vaga na CFL (liga de futebol americano canadense). As seleções alemãs e austríacas também desistiram do campeonato, mas devido à troca de sede. Pri-

meiramente a Copa aconteceria em Estocolmo, na Suécia, mas a IFAF (Federação Internacional de Futebol Americano) encontrou dificuldades em achar patrocinadores e parceiros comerciais, tendo que realizar o evento em Canton, no estado de Ohio, nos Estados Unidos. Assim, o custo da viagem para as seleções europeias aumentou em 38 mil dólares, inviabilizando sua participação.

O Brasil está no grupo "B" junto à França, Austrália e Coreia do Sul, as últimas vagas pelo ranking da IFAF. A estreia é contra os franceses e será o primeiro jogo da Seleção Brasileira em uma Copa do Mundo na sua história. Pelo regulamento da competição, se classificarem três seleções do grupo "A" e apenas uma seleção do grupo "B". Portanto, Estados Unidos, México e Japão já estão classificados para a próxima fase. Se ganhar dos franceses, o Brasil Onças encara o vencedor de Austrália e Coreia do Sul, respectivamente o sexto e sétimo lugares do ranking. Se vencer esse confronto, enfrenta o vencedor de Japão e Estados Unidos, as duas seleções que fizeram a final do último mundial, em 2011. Naquela ocasião, os Estados Unidos venceram o Japão por 50 a 7.

A grande dificuldade da preparação para o jogo é a falta de vídeos dos adversários para análise. Isso acontece tanto pela falta de organização de algumas equipes, como também como estratégia adotada pelos adversários para esconderem seu plano de jogo. Sem os vídeos, fica inviável surpreender os adversários. Sobre, então, procurar tudo sobre a comissão técnica das equipes, porque é de lá que sai o pensamento das jogadas. Mas sem muito material disponível na internet, sobra analisar os melhores momentos dos jogadores nos seus respectivos campeonatos nacionais.

Falar da falta de apoio do governo ou do setor privado em qualquer esporte que não seja o futebol de campo masculino já é quase um clichê, por isso, a CBFA (Confederação Brasileira de Futebol Americano) e os jogadores estão fazendo campanhas na internet para arrecadar fundos para a viagem, que custa em torno de R\$ 4 mil, variando para cada jogador. O pagamento da inscrição foi feita pela confederação e custou 42 mil dólares, o que dá direito a um dormitório e três refeições por dia durante o campeonato. Financiamento coletivo, venda de camiseta ou projetos de merchandising são as opções dos atletas. Santos fez um projeto patrocínio de camiseta em que, além de vesti-la em entrevistas e durante a viagem, promete fazer um vídeo de bastidores da Seleção e se dispor para participar de eventos dos investidores. O sistema usado foi de cotas diferentes de acordo com o valor investido por patrocinador, sendo desde "Azul" com a quantia mais alta (e o logo da empresa no peito da camiseta) até o "Amarelo", com os símbolos nas costas. O jogador fechou parceria com



fechou parceria com 15 organizações, a maioria de Florianópolis. Mas teve gente em todo o país que se interessou em ajudar, o que se confirma com os patrocínios vindos de Goiânia/GO e de Limeira/SP, por exemplo.

Guto Sousa, presidente da CBFA, acredita no potencial da Seleção e diz que é possível surpreender e chegar longe na Copa: "Nosso grande objetivo é a semifinal. Pelo cruzamento da tabela, a gente enfrentaria os Estados Unidos, que são os grandes favoritos da competição. Então se a gente chegar numa semifinal e, mesmo perdendo, ficar em quarto lugar no mundo, seria uma vitória gigante dessa geração que em apenas oito anos conseguiu começar um esporte praticamente do zero e chegar num campeonato mundial. Também existe futebol americano no Brasil e a Seleção é uma grande porta pra isso".

Nesta última década, a popularidade do esporte no Brasil decolou, seja na adesão à prática da modalidade ou a acompanhar times nacionais e internacionais. A audiência da principal liga do mundo (NFL - National Football League, dos Estados Unidos) dobra a cada ano e as equipes no Brasil crescem. "Ano passado, contando as duas ligas principais gerenciadas pela CBFA, série A e série B do Campeonato Brasileiro, tivemos 45 equipes inscritas, mas são cerca de 100 equipes que disputam futebol americano aqui. São pelo menos cinco mil praticantes constantes do esporte na modalidade *tackle* (com equipamentos). Na modalidade *flag* (sem equipamentos) esse número pode ser até três vezes maior", informa o presidente.

Santa Catarina tem bastante força no cenário nacional do esporte: terá sete jogadores representando os times do estado no mundial, atrás apenas do Rio de Janeiro, com 13, e empatado com o Paraná. Além de Gerson, são eles: Paulo Torquato e Vinícius Zanon (São José Istepôs), Lacerio Anacleto e Breno Takahashi (Timbó Rex), Júnior Kruger e Rodolfo Santos (Jaraguá Breakers). O número grande de convocados se deve a estrutura que o estado construiu ao longo dos anos e a CBFA reconhece o trabalho feito. "Santa Catarina sempre teve um papel muito importante no desenvolvimento do futebol americano no Brasil. Os bons resultados das suas equipes nos torneios comprova que o trabalho feito pela federação é muito bom. Está entre os principais campeonatos do país não só no nível técnico, mas especialmente no nível organizacional. Sempre foi uma federação que serviu de espelho pra outras".

Os outros jogadores convocados pelo São José Istepôs também jogam na defesa. Vinícius Zanon fica na primeira linha (como *defensive end*) e Paulo Torquato é responsável por ser o último defensor e evitar que, caso haja um passe longo ou uma corrida que atravessasse todos os outros jogadores, o *touchdown* seja feito (essa é a posição de *safety*). Todos eles, incluindo Gerson, jogam do lado esquerdo. Popularmente pela Seleção os jogadores do Istepôs são chamados de "a esquadra da defesa".

Zanon é formado em Engenharia Elétrica na Universidade Federal de Santa Maria e já jogou pelo Santa Maria Soldiers, sendo um dos funda-

dores do time. Na sua formatura, o presente da equipe foi a aposentadoria da sua camisa, a 94, o que é considerada uma das maiores honras no futebol americano. No Istepôs e na Seleção ele também usa esse número. Sobre a oportunidade de jogar no estádio Fawcett, onde acontecem todos os anos o jogo do Hall da Fama de futebol americano - que é a primeira partida pré-temporada e encerra os seis meses sem jogos - ele ainda não acredita: "É surreal. São os maiores nomes que já passaram pelo esporte. Ainda não caiu a ficha que vamos jogar no mesmo campo que eles. Eu sou mais fã do Michael Irvin (ex-jogador do Dallas Cowboys e membro do time de melhores atletas da década de 90) que do Kaká, então pra mim isso é muito grande".

Torquato é graduando em Gestão de Tecnologia da Informação no Instituto Federal de Santa Catarina em Florianópolis. Começou no futebol americano em 2011 e teve a primeira convocação pela Seleção em 2014. Não pode participar do jogo contra o Panamá, que deu a vaga ao Brasil no mundial, por falta de recurso: "Pessoalmente eu não tenho dimensão disso, ainda não caiu

a ficha de que estamos indo para o Mundial. A gente vive futebol americano o tempo inteiro". Em relação à visibilidade que o Brasil Onças pode dar ao esporte no país, ele é otimista: "Acho que a Seleção vai fazer com que muita gurizada nova, de uns 10 a 15 anos, se interesse pelo futebol americano e queira praticar o esporte. Além disso, vai dar visibilidade para investidores tanto nacionais quanto internacionais. Vai ter muita gente querendo injetar dinheiro nesse ramo no Brasil. Não tenho dúvida de que, em menos de cinco anos, o cenário do futebol americano no país vai mudar".

Tanto Gerson quanto o presidente concordam com a opinião de Torquato. Os dois consideram a participação crucial para melhorar a modalidade no país. Para o capitão, o aprendizado valerá muito a pena. "Sem dúvida a Seleção vai voltar mais madura, mais experiente e de fato vai saber o que tem que fazer pra cada vez ficar melhor. Quando você tem contato com algo melhor do que você, você sabe o que tem que fazer pra alcançar aquilo lá". Já o presidente acredita que a tendência para o futuro é de coisas boas. "A gente espera que o futebol americano no Brasil continue crescendo. A cada ano temos dado saltos quantitativos. O grande desafio agora é tornar esses saltos também qualitativos. Acredito que o mundial vá ajudar a melhorar a estrutura para acompanhar esse crescimento e fazer com que ele aconteça de maneira sustentável".

Gabriela De Toni
detonigabriela@gmail.com

Anderson Spessatto
andersonspessatto@gmail.com



Entre a aldeia e a universidade

UFSC formou primeira turma, mas continuidade está em discussão

Parades repletas de desenhos de animais, cartelas espalhadas ao redor do quadro-negro num espaço octogonal. Assim é uma das salas de aula da escola indígena Itaty, que em Guarani significa Montanha de Pedra. Em uma das mesas ao lado da janela está a cacique da aldeia do Morro dos Cavalos, em Palhoça, Eunice Antunes, que durante a conversa desliza o celular que há pouco vibrava. Ela discute a rotina do povoado e revela sua opinião sobre o curso de graduação que concluiu no semestre passado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Não é nenhum dos cursos tradicionais, bem pelo contrário: Eunice é uma das 80 pessoas que se formaram na primeira turma de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica no dia 9 de abril deste ano.

A graduação reuniu povos que vivem na parte Sul do Bioma Mata Atlântica: os guaranis no litoral (ES, RJ, SP, PR, SC, RS), os kaingang (SP, PR, SC, RS) e xokleng (SC) do Oeste. Em quatro anos, com períodos de 20 dias de aulas na universidade, intercalados com quatro meses de atividades desenvolvidas nas aldeias, os estudantes receberam formação para lecionar nas áreas de infância, linguagens, humanidades e conhecimento ambiental indígena.

O curso foi criado a partir de uma demanda dos próprios indígenas em 2003 e a formulação durou alguns anos, até que em fevereiro de 2011 foi instituída a primeira turma. Ela surgiu como um projeto experimental, financiado pelo Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais Indígenas do Ministério da Educação e pela UFSC. Foram 394 inscritos para 120 vagas, 40 para cada uma das etnias, ofertadas através de um concurso vestibular específico – 20 questões de conhecimentos gerais sobre temáticas indígenas, dez questões de língua Portuguesa e a redação (escrita em língua indígena).

No segundo semestre deste ano, no entanto, não serão abertas vagas para a entrada de novos alunos. O coordenador da graduação em Licenciatura Indígena, Lucas Bueno, diz que não será possível devido à retenção de recursos da universidade. A perspectiva é que um novo ingresso seja aberto apenas no ano que vem. Mas o coordenador destaca a necessidade de continuar com o curso. "Houve um retorno muito positivo dos alunos, que estão aplicando os conhecimentos aprendidos no curso nas escolas indígenas e nas comunidades. Além de

desconstruir o preconceito e abrir oportunidades para que a tradição indígena apareça".

Exemplo desse conhecimento gerado no curso e aplicado nas aldeias é a atuação da cacique Eunice e outras lideranças do Morro dos Cavalos. Para ela, a questão ambiental é a mais importante. "Uma das minhas maiores preocupações foi a sustentabilidade, pois é disso que se mantém as tradições guaranis". Um dos resultados mais importantes é o processo de reflorestamento de 1980 hectares da aldeia, iniciado pela cacique.

O líder espiritual da aldeia Amaral, em Biguaçu, Geraldo Moreira (Karai Okendá), também é um dos formados do curso. Ele explica sobre os ensinamentos indígenas e ressalta que um dos pontos positivos foi a troca de conhecimentos entre as diferentes etnias. A xokleng Zilda Preipra, da aldeia Palmeira, localizada em Ibirama, concorda com ele. Ela é uma das graduadas e considera que antes do curso não conhecia as tradições dos xokleng: "com o curso eu me senti mais índia".

A questão da educação indígena transcende o curso de ensino superior e envolve uma postura política para manter a cultura e os costumes desde os primeiros anos de vida do indígena. O cacique da aldeia M'Biguaçu, Hyral Moreira, se formou em Direito pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali) para conhecer o sistema do "lado de fora". Hoje trabalha em um escritório de advocacia em São José e faz parte de um Conselho de Saúde Indígena. Ele luta para que ações de políticas públicas venham de dentro das aldeias.

Há 14 anos como cacique, ele realiza um trabalho para perpetuar as práticas guaranis dentro de sua aldeia, da qual fazem parte 110 pessoas. Dentro do espaço, existe a Escola Indígena Wherá Tupã Poty Djá (Senhor dos Raios e Senhora das Flores), onde 70 alunos da primeira série até o Ensino Médio estudam. Cerca

de 80% das aulas são em Guarani e dos nove professores, seis são indígenas. Uma das dificuldades da escola é a falta de livros didáticos na língua materna e de história indígena. As obras encontradas na estante da biblioteca são sobre história, geografia e matemática, mas nada sugere que aquele espaço fica dentro de uma aldeia. Os mais velhos realizam esforços para transmitir as tradições através da oralidade: pesca, artesanato e respeito ao meio ambiente fazem parte do currículo escolar.

Nascida na aldeia de Linha Limeira em Chapecó, Eunice percorreu terras guaranis, seguindo a tradição nômade de seu povo, de São Paulo ao Rio Grande do Sul, até se instalar no Morro dos Cavalos em 2000. Cacique há três anos, sempre teve sede de justiça. O significado de seu nome indígena, Kerexu Yxapyry, é algo como "nascida para liderar" e desde criança seu caminho já estava destinado a uma vida

de comando. Ela ressalta que o ensino deve ser pensado dentro da tradição guarani. É a partir desse conceito que vem adotando mudanças na escola Itaty, que fica dentro de sua aldeia. "O aluno termina de se formar guarani e depois deve buscar o conhecimento do branco, não o contrário". Eunice ressalta que o formato da educação brasileira não privilegia a cultura do indígena, já que os livros didáticos mostram um aluno uniformizado pegando um ônibus para ir à escola. Nada parecido com a realidade numa aldeia. "Se o guarani começa a escola estudando o conteúdo do branco, ele passa a almejar isso desde pequeno e rompe com sua cultura".

Na aldeia do Morro dos Cavalos, as crianças são alfabetizadas apenas em guarani nos primeiros anos de escola. Depois do quarto ano é que aprendem disciplinas em português. Em M'Biguaçu os ensinamentos são parecidos. O diretor da escola Wherá Tupã Poty Djá, Richard Sarmiento, explica que o diferencial é fazer o conhecimento indígena e o científico coexistirem. "Aqui tem o respeito que em uma escola regular não existe. Lá, as crianças podem estar mais preparadas profissionalmente, mas como seres humanos, os indígenas dão de mil a zero."

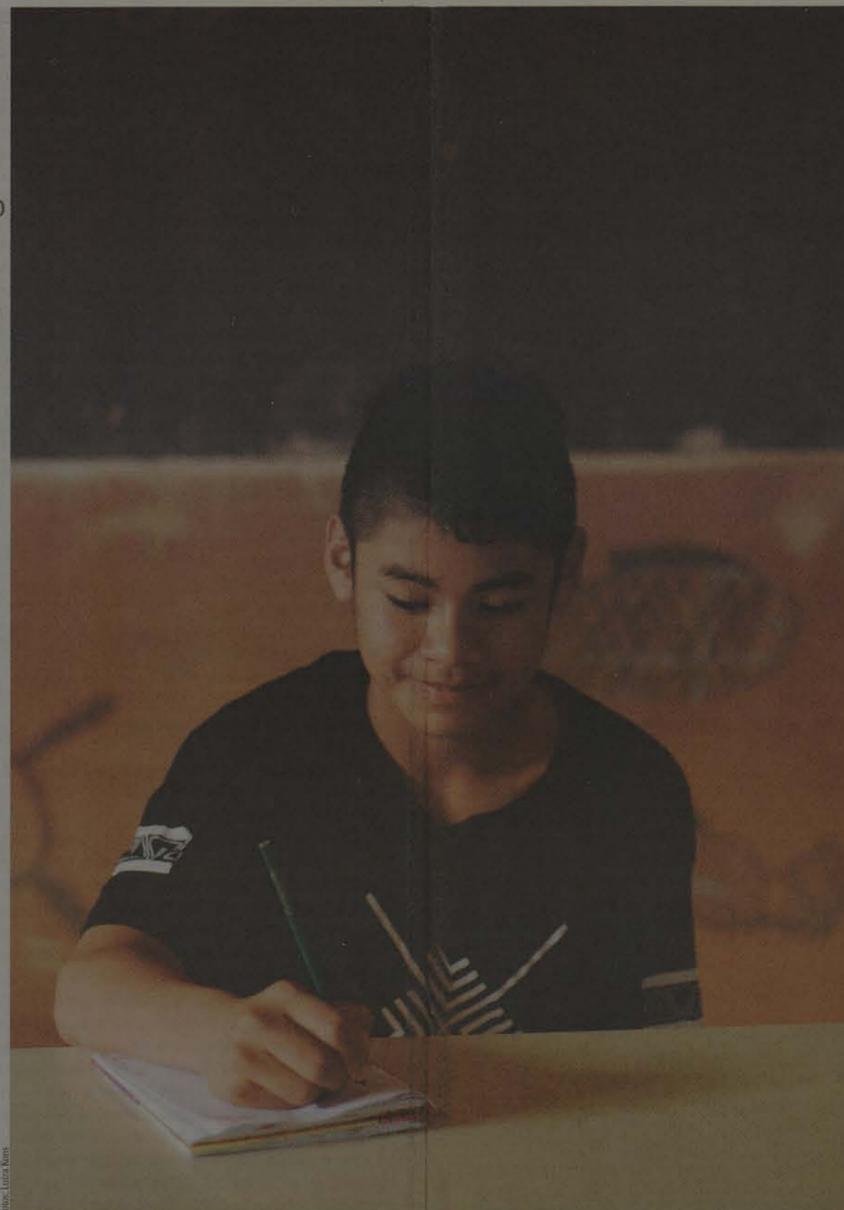
Larissa Gaspar
larissa.gasparcp@gmail.com
Luiza Kons
lupkons@gmail.com



Curso não terá novas turmas no próximo semestre, por conta de retenção de recursos

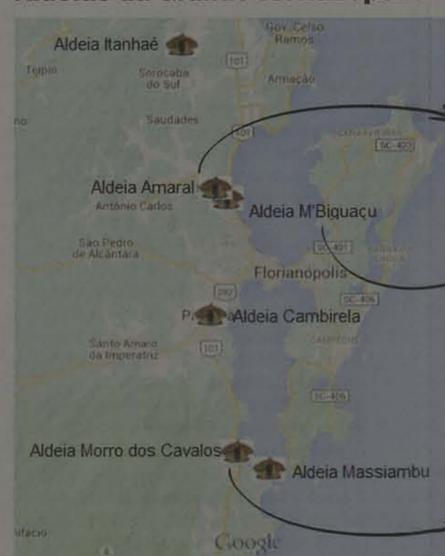


Escola indígena Itaty fica na aldeia do Morro dos Cavalos



Marlon Moreira, Karai em Guarani, é um dos alunos que estudam na escola indígena da aldeia do Morro dos Cavalos

Aldeias da Grande Florianópolis



Líder espiritual Geraldo Moreira



Cacique Hyral Moreira



Cacique Eunice

Diferenças culturais ainda dificultam integração

Com um brinco de pena colorido e longos cabelos lisos e escuros, a estudante xokleng de nutrição Txulunh Favenh Gakran conta, com fala controlada e olhar confiante, as suas dificuldades na graduação na mesa de discussão "Indígenas na Universidade". O debate integra o seminário "Universidade e Educação Intercultural Indígena: experiências em diálogo, desafios para uma inclusão de qualidade, e construção de espaços para produção e trocas de saberes diversos", realizado entre os dias 29/6 e 2/7 na UFSC.

No último vestibular, 47,5% das vagas foram destinadas para candidatos negros, pardos, indígenas e oriundos de escola pública através do Programa de Ações Afirmativas. A UFSC também ofertou 16 vagas para candidatos autodeclarados indígenas. Dados de 2015 da Comissão Permanente do Vestibular (Coperve) mostram que 144 pessoas autodeclaradas indígenas se inscreveram para prestar a prova. Além de Txulunh, outros sete indígenas foram classificados.

De acordo com os estudantes indígenas, que integram os variados cursos de graduação da UFSC, a principal dificuldade é a língua e o despreparo geral da universidade em lidar com a diferença. Txulunh conta que os professores são pouco flexíveis e a questão indígena raramente é trazida para discussão dentro da sala de aula. "Eu estudei a vida toda em escola indígena. Não fui preparada para fazer provas nestes

modelos. Fui educada com base na oralidade". Para ela, o foco das ações de inclusão da UFSC devem ser na superação do olhar ultrapassado do não indígena sobre o indígena, já que é impossível explicar a história brasileira sem os povos indígenas.

A mestranda em Pedagogia e graduada no curso de Licenciatura Indígena, Joana Vangelista, relata que o maior choque cultural ao ingressar na universidade não foi com o homem branco, e sim com os artigos das disciplinas. Apesar de ser fluente no português, ela tinha dificuldade em interpretar os textos e traduzir palavras que não existem na língua guarani. "Enquanto o curso de licenciatura valorizava a minha cultura e o meu conhecimento, na Pedagogia eu tive que lutar por espaço e estudar duas vezes mais que os colegas brancos".

A demanda mais urgente para os estudantes é a garantia de recursos para se manter na universidade, como bolsa permanência e assistência estudantil. "Acredito que por sermos indígenas, já sofremos condenações demais. A nossa história precisa ser contada em primeira pessoa", resumiu o professor kaingang, Bruno Ferreira.

"A nossa história precisa ser contada em primeira pessoa"



Tribos Guaranis da Grande Florianópolis mantêm práticas tradicionais, no entanto, buscam conhecimento fora da aldeia

Falta história indígena em livros e currículos

A lei 11.645 de 2008 estabelece diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros deveriam ser ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial, nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. Para a cacique Eunice, contudo, isso não acontece

por falta de engajamento e interesse da Secretaria de Educação. De acordo com o técnico da gerência de políticas da educação do próprio órgão, César Cancian, que trabalha com questões indígenas e quilombolas, a lei é uma orientação curricular que não significou o trabalho imediato nas escolas. "O trabalho com essa temática ainda tem que ser construído, porque envolve material didático, formação de professores e organização do currículo escolar voltado para esse tema. Ele

conta que no ano passado foram chamados representantes de escolas de todo o estado para a produção de um material didático, previsto para sair ainda em 2015, que aborda a cultura indígena do Sul do país. Cancian, que já foi diretor da escola do Morro dos Cavalos, destaca que uma das maiores demandas da secretaria é formar professores aptos para tratar a questão de forma naturalizada. "Sem uma imagem idealizada daquele índio amazônico com tanguinha, e arco e flecha".



Na primeira fase das entrevistas, a Polícia Federal ouviu 82 funcionários do hospital. A partir dos relatos, 27 médicos foram acusados na operação e estão sendo investigados

Polícia Federal investiga jornada de médicos do HU

Multiempregos, horário semanal impossível e negligência ao cargo público são algumas das acusações

Na manhã de 8 de junho, a aluna da 6ª fase de Fonoaudiologia, Maria Lucia, estava no estágio no setor de radiologia do Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago (HU/UFSC) quando reparou nos policiais passando pelo corredor. Continuou trabalhando, sem fazer ideia do que acontecia. No dia seguinte, ela, os funcionários do hospital e milhares de pacientes descobriram o motivo da movimentação: 52 mandados de busca e apreensão em Florianópolis, Tubarão, Itajaí e Criciúma para recolher documentos sobre médicos que estariam descumprindo funções contratuais.

A investigação da Polícia Federal, batizada de Operação Onipresença, analisa casos de médicos que possuem multiemprego. Estes profissionais têm de 40 a 60 horas de trabalho contratuais com o Hospital Universitário (HU), mas mantêm vínculo com clínicas, consultórios particulares e universidades privadas. Tudo isso negligenciando o emprego público no HU. A PF tomou conhecimento da situação através de denúncia feita em outubro de 2013, e um ano e oito meses depois a operação foi deflagrada. Entre os casos mais graves estão médicos que

ganhavam até R\$ 15 mil reais por mês sem comparecer no hospital e os que tinham jornada semanal superior à duração da semana.

Na primeira fase das entrevistas, 82 funcionários do hospital foram interrogados. A partir desses relatos, a PF começou a ouvir os 27 médicos acusados na operação. Os depoimentos iniciaram no dia 30 de junho e, na mesma semana, o delegado Allan Silva, responsável pela investigação, revelou que muitos outros nomes poderiam ser incluídos na lista de suspeitos. Em entrevista, o delegado Ildo Rosa, da Assessoria de Comunicação da PF, revelou que o maior espanto para a polícia é a capacidade de trabalho dos supermédicos. "O que nos surpreende é que alguns médicos chegam a trabalhar 169 horas por semana, o que é humanamente impossível".

Duas semanas após a operação ser deflagrada, a reportagem do **Zero** contactou três médicos que estão sendo investigados, mas eles não quiseram dar declarações. A equipe também conversou com outros funcionários do hospital. Os sentimentos de choque e decepção eram visíveis. Em geral, não gostam de falar sobre o caso e pedem para que o nome não seja identificado. Uma aluna da 12ª fase de medicina

também solicitou sigilo ao relatar uma irregularidade durante seu estágio no segundo semestre de 2014. No dia, teriam contactado um médico em sobreaviso, mas ele não compareceu ao hospital pois estava sob chamada em outros dois hospitais também.

Para o diretor do Hospital Universitário, Carlos Alberto Justo, falta a compreensão do trabalho do médico. Dependendo da área em que atende, o profissional deve estar presente ou disponível para vir ao hospital

“Se não fosse dessa maneira, nenhum hospital seria viável”

quando for necessário. Essa escala de trabalho permite que o hospital tenha à disposição especialistas que não existem em número suficiente no mercado, e possibilita a realização de cirurgias de emergência a qualquer horário. "Se não fosse dessa maneira, nenhum hospital seria viável, pois teria de contratar especialistas para que estivessem no hospital a todo o momento".

O número de horas varia de

acordo com a disponibilidade da pessoa e a necessidade da especialidade do hospital em que atua. Cabe às chefias de serviço distribuir as pessoas disponíveis para realizar os procedimentos, consultas e cirurgias. A quantidade de procedimentos que feitos por mês é definida pela Secretaria de Saúde do Estado e deve ser cumprida pelo hospital. Não há atendimento por demanda, mas sim por oferta do sistema de saúde.

No Estado, o regime de sobreaviso é regulamentado através da Lei Complementar nº 323, de 2 de março de 2013, em que fica estabelecido que três horas de disponibilidade correspondem a uma hora presencial. No restante dos hospitais, inclusive no Hospital Universitário, segue-se a Resolução do Conselho de Medicina, mas não há embasamento legal. As exigências são que haja uma escala, o profissional esteja próximo ao local e que seja remunerado apropriadamente. Segundo o presidente do sindicato dos Médicos de Santa Catarina (Simesc), Siro Veiga Soncini, não é ideal estar em sobreaviso em dois locais. "Se isso acontece é porque há poucos profissionais, mas não é ideal, nem recomendado. Não sendo o caso, um sobreaviso de cada vez".

Atualmente, a fiscalização da

jornada de trabalho é feita através de folha-ponto. Somente os funcionários que fazem plantão hospitalar devem registrar a jornada em um dos pontos eletrônicos do hospital. A Universidade tem prazo para implantar ponto-eletrônico para todos os funcionários até dezembro de 2016, seguindo recomendação do Ministério Público Federal. Soncini considera o ponto eletrônico indispensável para todos os profissionais, até mesmo para auxiliar na disputa por melhor remuneração.

O diretor acredita que todos médicos que estão sendo investigados vão conseguir comprovar a coerência da sua jornada de trabalho. Caso isso não aconteça, deve encaminhar pedido de abertura de processo administrativo contra o profissional à reitoria.

Leonardo Franzoni

leonardofranzoni89@gmail.com

Lucas Amarildo

lucasamarildosouza@gmail.com

Natália Duane

nataliaduane@gmail.com

Cabo de guerra entre o surf e a pesca da tainha

Surfistas questionam lei 4.923, que proíbe a prática do esporte durante o período da safra

O Sol nem nasceu e eles já estão acordados. Ao mesmo tempo em que pescadores se preparam para ir à praia, por volta das 5h30, surfistas pegam suas pranchas e roupas de borracha. Nos fundos do Rancho de Pesca Cultural Manoel Rafael, na praia do Campeche, Élio Hermínio Faustino, 72, faz o café dos colegas. Logo depois, todos tiram as canoas para a areia e os vigias tomam suas posições. Enquanto isso, o surfista Rodrigo Bungus Ferreira, 47, conhecido como Kiko, sai de sua casa em Coqueiros rumo à praia da Joaquina. De maio até a primeira quinzena de julho, época da safra da tainha, a lei só permite surfar ali ou na Mole.

Faustino explica que a tainha é um peixe que se assusta fácil e para que os cardumes não fujam, ninguém além dos pescadores pode estar na água na hora da captura. Em 1995 foi aprovada uma lei que instituiu o fechamento de três praias onde ocorre a pesca de arrasto, tradicional no estado - Campeche, Barra da Lagoa e Santinho. No ano seguinte, os balneários foram modificados e apenas a Mole e a Joaquina foram liberadas para a prática do surf. De acordo com a lei municipal 4.923, o surfista que praticar o esporte em locais proibidos pode ter o equipamento apreendido até o fim do período de pesca.

Para Kiko, que também é biólogo, a manutenção da tradição não justifica as restrições impostas. Ele ainda afirma que não existem estudos científicos que comprovem que os surfistas afugentam as tainhas. Explica que os meses do inverno são importantes porque é quando as maiores ondulações chegam à costa. Kiko recorda que antes ia surfar com os amigos no Campeche, mas longe dos barracos, e os pescadores nem notavam a presença deles. Com o passar dos anos e o aumento do número de surfistas na cidade, o período da safra tornou-se época de disputa.

O conflito, em diversas ocasiões, virou caso de polícia. Hoje em dia a violência cessou, mas o impasse permanece. Muitos surfistas que vieram para Florianópolis nas últimas duas décadas desconhecem a lei e a tradição das praias na cidade, o que complica a situação. Os pescadores utilizam bandeiras para sinalizar quando a

prática de esportes está liberada, normalmente em dias que as ondas estão muito grandes para sair com as canoas. Os surfistas reclamam que a sinalização é inútil, pois em muitas comunidades pesqueiras o esporte é proibido independente das condições do mar. A orientação da Federação Catarinense de Surf (Fecasurf) é que os surfistas conversem com os pescadores antes de entrar na água. Mas muitos relatam que quando tentam se aproximar, mesmo que seja apenas para perguntar se o surf está permitido ou não, são hostilizados. O pescador Carlos André Aguiar, 54, também do Campeche, argumenta que alguns surfistas ignoram as sinalizações e até cortam as bandeiras.

Extra-oficialmente, o surf também fica liberado até 500 metros dos cantos esquerdos das praias Lagoinha do Leste, Matadeiro e Armação, e até 500 metros para a direita da entrada da praia do Moçambique. Mesmo assim, surfistas ainda frequentam praias proibidas como a do Campeche. A passagem de fortes ondulações vindas do sul, frequentes nessa época do ano, aliadas aos ventos norte ou oeste, cria ali uma das melhores e mais extensas ondas do país. Quando isso acontece, surfistas profissionais e amadores de diversos locais do estado vão até lá atraídos por sua perfeição. Mesmo em dias de mar calmo, os pescadores se esforçam para manter os surfistas fora d'água. O pescador Faustino reclama que falta comunicação entre pescadores e surfistas. "Eles têm o direito deles, claro, mas a gente também tem o nosso".

O projeto de lei 15.620/2013, que oficializa as permissões citadas acima, mais a liberação de até 500 metros do canto direito da praia do Morro das Pedras e também no canto esquerdo da Praia Brava até a Rua Sinésio Duarte, está em tramitação na Câmara de Vereadores de Florianópolis. Além disso, o projeto também prevê que os pescadores que restringirem a prática do surf nesses locais podem ter os equipamentos de pesca confiscados até o fim da safra. O projeto está em fase final, foi encaminhado à Comissão da Pesca, Maricultura e Assuntos do Mar e depois segue para votação dos vereadores.

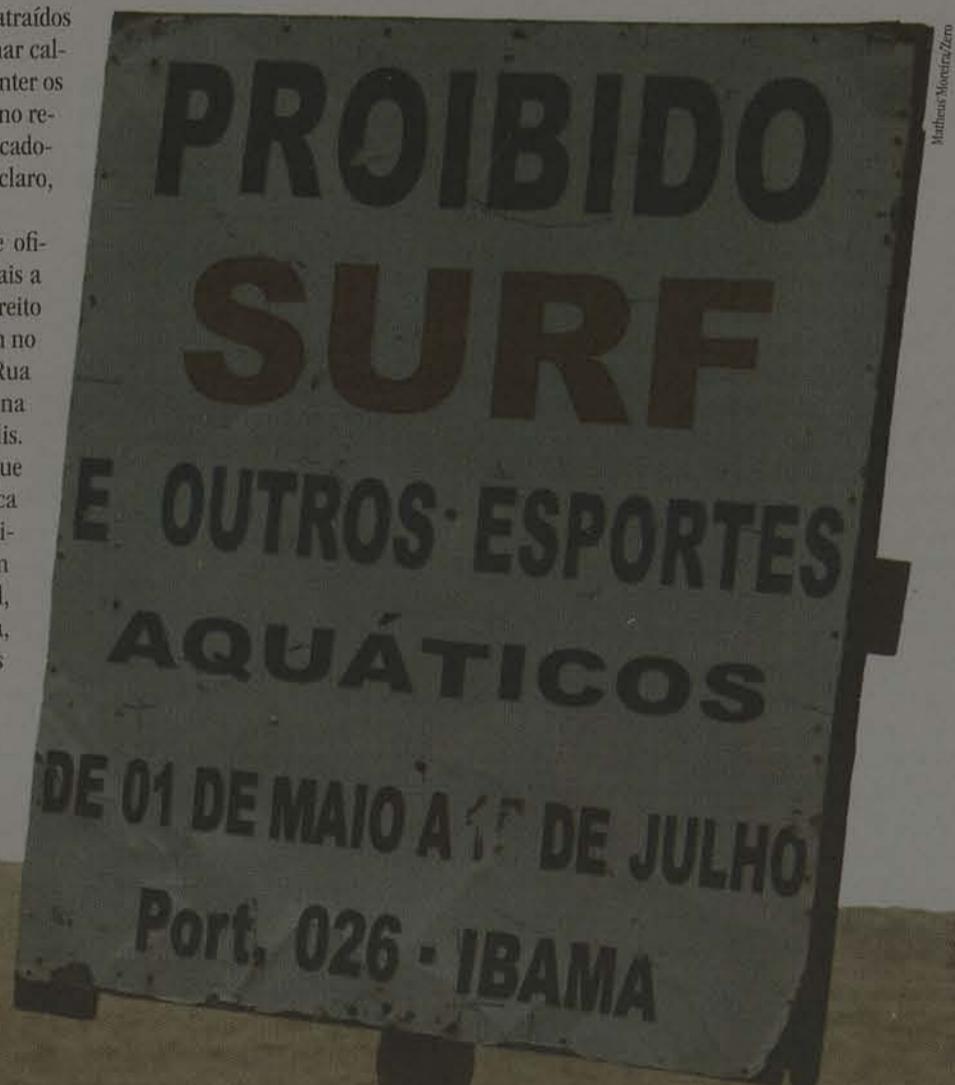
Para a safra deste ano, o presidente da Federação dos Pescadores do Estado de Santa Catarina (Fepesc),

Ivo Silva, orienta que se peça respeito à lei do município, mas deixa as possíveis negociações com os surfistas a cargo de cada colônia de pescadores. O presidente do Sindicato dos Pescadores de Santa Catarina (Sindpesca), Juarez Tadeu dos Santos, não acredita que o surf prejudique a pesca e defende uma integração entre pescador e surfista. Ele também ressalta a abertura ao diálogo. "Proponho-me a fazer quantas reuniões eles [surfistas] quiserem." Para ele, o maior agravante das capturas é a poluição dos oceanos que estaria afastando os peixes.

Paralelamente a isso, o Procurador de Justiça Thiago Carriço e o surfista Xandi Fontes tentam conseguir, junto à ABRASP (Associação Brasileira de Surf Profissional) e a CBS (Confederação Brasileira de Surf) uma procuração para questionar e tentar anular a lei municipal no Supremo Tribunal Federal. As duas entidades ainda estudam o caso.

Pescadores argumentam que os surfistas podem espantar os cardumes

Matheus Moreira
matheus.moreira.moraes@gmail.com
Samantha Sant'Ana
sasantana23@gmail.com



Sexo por dinheiro

Letícia M. 14 anos, drogada e prostituída

Hoje ela tem 20 anos e estuda na UFSC. Essas foram as duas únicas informações que deixou divulgar

Todo o mundo tem histórias bizarras". Ela começou a me contar do ex-namorado da sua colega de apartamento que se suicidou. Contou do avô que puxou a mãe dela pelos cabelos em uma festa. Contou de quando a irmã do namorado morreu. "Qual o nome que você quer que eu coloque na matéria?" "Letícia M. *, meu nome de guerra". Fumando um cigarro atrás do outro, começou a contar a história dela.

O advogado

Eu sou de Blumenau*, e com 14 anos fui estudar em um colégio particular de Balneário Camboriú, e me mudei pra lá. Fui morar com a minha tia, mas como o meu tio era dono de fazenda em Blumenau, os dois acabavam ficando mais lá do que em Balneário. Então eu acabava ficando muito sozinha. Eu não pagava nada e meu pai sempre me bancou, só que Balneário é um lugar que encanta muito porque é muita festa. E na época eu era muito bonitinha, toda magrinha, tinha o cabelão comprido, e fui percebendo que eu conseguia as coisas de graça.

Comecei a usar cocaína com essa idade, por causa do Rodrigo*, um advogado. Foi assim: eu consegui uma identidade falsa e fui numa festa sozinha, bem louca. E fiquei encantada, porque eu vim de uma cidade pequena e era a primeira vez que eu ia em um *pub*, que tocava rock e era *open bar*. Fiquei deslumbrada com tudo aquilo. Mas daí eu tava dançando na minha, bem vagabunda, e chegou uma menina, a Alice*, que começou a conversar comigo. "Você não era para estar aqui, né? Quantos anos você tem?". E ela me levou para um espaço fechado que tava o Rodrigo e um casal. A Alice foi me apresentado ao pessoal, mas eu estava bêbada, não conseguia nem falar direito. Fomos juntas ao banheiro, ela se trancou comigo, fechou o vaso, e começou a arrumar carreirinhas. "Com isso aqui você vai ficar legal na hora". Eu nunca tinha cheirado, mas eu pensei "não posso fazer papel de idiota". Eu achava tudo aquilo o máximo, e queria muito ser amiga daquelas pessoas. Então eu fui lá e cheirei, e foi maravilhoso! A gente ficou conversando no banheiro e ela me tascou um beijo de língua, mas foi um beijo bem quente. Ela pegou no meu peito, puxou o meu cabelo.

"Eu fui meio malvada de te beijar, porque o Rodrigo tá de olho em ti a noite inteira". O Rodrigo é o cara mais lindo que eu já vi em minha vida, ele é um tesão. Quando voltamos, eu sentei

do lado dele. Eu não sei o que deu em mim, a partir do momento em que eu cheirei, eu virei a pessoa mais corajosa do mundo. Peguei e botei a mão na coxa dele. "Você tem cara de ser encrenca". E de lá eu fui pra cama com o Rodrigo.

Ele me dava perfumes, me dava presentes, e eu comecei a usar droga pra caralho, não sei como não fodeu meu coração. E a cocaína é uma droga bem cara. Só que pra ser sincera, eu nem sei o preço, porque eram sempre os caras que compravam e me davam. Não era nada oficial, mas eu era a putinha do Rodrigo. O problema é que ele se apaixonou perdidamente por mim e eu usava ele pra droga e ganhar presente. Acabei terminando com ele. Não queria ninguém pegando no meu pé.

Luna

A Luna era uma amiga minha de Blumenau, que a mãe era garota de programa. Um dia a gente tava em casa fumando um baseado e pensando "é tão fácil ganhar coisa de homem. A gente já tá sendo puta mesmo, vamos oficializar essa porra".

Daí fomos conversar com a Vivian*, uma amiga nossa que era dona de uma casa de *swing*. A gente tinha muito medo de ser puta de rua. Primeiro pela exposição de ficar na rua, e depois, que podíamos encontrar caras muito truculentos. Ser agenciada é diferente, tu pega um público selecionado, e tu cobra mais.

Em Balneário tem muita menina bonita, menina tipo *panical*. Mas eu e a Luna éramos

“Da mesma forma que eles me viam como um pedaço de carne eu via eles como uma nota de dinheiro”

muito novinhas, e os caras pagam mais por isso.

A Luna não pensava, ela ia lá e fazia. Eu sempre fui a mais dramática. Ela era do tipo "Toda-se. Ele queria sexo e eu queria dinheiro, qual o problema?". Isso ela foi me ensinando e eu aprendi com ela. Se não fosse por ela eu não teria ficado tanto tempo me prostituindo.

Pra falar a verdade, eu nem sei se a Luna tá viva. A última vez que eu vi ela, ela tava doente e muito magra. Eu sabia que ela tinha HPV, mas nunca se tratou. Preferia não pensar sobre.

Clientes

"E como você faz? Quanto é o adicional? Pode bater? Posso esfregar meu pinto na sua cara? Posso gozar na sua barriga? Você engole porra?" Era tudo combinado por telefone. A Luna sempre pegava os de 50, 60. Os mais tarados por criança. A maioria deles preferia ela, que era mais ma-

grinha, bem criancinha, risinha. Eles tinham umas exigências bizarras: tinha que se depilar toda com cera, passar talco no corpo, não podia usar maquiagem, usar calcinha de algodão, roupa de menininha. Você tem que ser meio atriz para ser puta. Tem uns clientes que pedem pra você fingir que tá sendo estuprada. Um pediu pra eu fingir que tava dormindo. Tem uns caras que são bem sem noção. Uma vez, um cliente começou a bater no meu rosto bem forte e eu não gostei. Fui embora e nem peguei o dinheiro.

Eu adorava fazer programa com casal, porque com casal eu me sentia mais segura. A mulher sempre tava lá para dar o limite, e o cara nunca se passava.

Era só um esporte

A coisa começou a ficar muito feia por causa da droga e eu também já tava de saco cheio de transar com pedófilo. Do jeito que eu vivia, ia acabar morrendo, tendo uma overdose. Mas, pouco tempo depois, eu conheci o meu atual namorado, e larguei tudo. Ele, de certa forma, me salvou.

Eu não me sentia abusada em nenhum momento. Porque da mesma forma que eles me viam como um pedaço de carne, eu via eles como uma nota de dinheiro, como um perfume, como pó. Era só um esporte. Eu e a Luna tínhamos um quadrinho onde a gente escrevia quem roubava o cliente da outra. E a gente ficava rindo e fazendo piada depois.

Eu sempre tive um complexo com o meu corpo, e com essa experiência, eu passei a ver o meu corpo como algo sexual. Hoje eu tenho tesão por mim. E eu não me arrependo. Me ensinou muita coisa tudo isso.

Só me arrependo de não ter guardado o dinheiro. Gastei tudo em droga, tudo em perfume, em roupa cara, em bobagens.

A verdade é que eu era só uma pirada que queria ganhar as coisas de graça (risos).



Foto: Luiz Fernando Mesquita/Zero

* Nomes e cidade fictícios

Vitória Greve
vitoriagreve08@gmail.com

Esporte da mente

Aposta arriscada se transforma em cartada de mestre

Rene Paz largou o curso de Sistemas de Informação na UFSC para se dedicar exclusivamente ao pôquer

É uma rotina parecida com a de outros jovens de 23 anos. Acorda por volta das 9h, vai para academia, toma um banho, almoça com o irmão com quem divide o apartamento e vai para o computador. Ele usa mouse, teclado e internet para ganhar dinheiro. Até aí tudo bem, já que existem vários garotos da mesma idade faturando na frente do PC. A diferença é que Rene Paz usa suas tardes para se dedicar exclusivamente ao pôquer. E ganhar um bom dinheiro com isso.

Ele prefere não revelar quanto especificamente. Até porque, de acordo com Rene, pode variar dependendo do mês. Mas foi o suficiente para trancar o curso de Sistemas de Informação da UFSC e o estágio que fazia, no começo do último ano, e ser profissional do pôquer. "Eu ganho dez vezes mais que ganhava no meu estágio. Se fosse só pelo dobro não largaria a Faculdade e o estágio. É uma vida estressante. Tem que ter muito foco para ser lucrativo. Eu hoje me dedico ao pôquer porque a diferença financeira foi absurda", afirmou à reportagem do *Zero*, que o visitou em sua casa e local de trabalho.

Não foi fácil "dobrar" os pais. Aliás, não está sendo. Rene conta que tem ainda muita dificuldade em explicar principalmente ao pai como consegue ganhar dinheiro. "Mesmo tendo bastante resultado eles não entendem. Já chamei meu pai, mostrei meus gráficos, expliquei que não tem como eu perder tudo pois jogo de pouco em pouco. Mas com ele não tem jeito. Acha que é cassino, que é jogo. Não consegue entender que é um jogo de estratégia e habilidade, que o cara que tem mais conhecimento geralmente vai ganhar".

Um dos principais resultados de René no pôquer veio logo após deixar o curso na UFSC. Desbancou 293 atletas para vencer a etapa de Balneário Camboriú do Circuito Catarinense. O primeiro lugar lhe rendeu um cheque de mais de R\$20mil que foi direto para a poupança - além da confirmação de que havia tomado a decisão

correta de investir seu tempo no jogo de cartas.

Mas há a contribuição da sorte no pôquer. Os defensores do jogo (que é regulamentado no Brasil como Esporte da Mente, assim como o xadrez) confirmam que, claro, a sorte conta. Não num período longo de tempo, no entanto. Para eles, o jogador pode até perder uma jogada que era extremamente favorito, por conta do "azar", mas isso será o ponto fora da curva. "Depende da habilidade, do foco. De fazer sempre a jogada certa. Se fosse puramente sorte, a gente não veria quase sempre os mesmos sendo lucrativos e ganhando os torneios".

Assim como Rene, muitos vem se interessando pelo pôquer. Buscam conhecer mais de suas estratégias e, quem sabe, faturar. Em Florianópolis, por exemplo, já existem três casas especializadas no jogo. Sócio-proprietário do Ilha Poker Club e um dos mais renomados jogadores do país, Fábio Eiji é um defensor do esporte da mente. "Há um sensível aumento de novos jogadores e jogadoras desde que

"Hoje me dedico ao pôquer porque a diferença financeira foi absurda"

abrimos a casa, em 2013. O pôquer é um jogo muito desafiador, complexo é muito sociável. Além de disputar prêmios, conhecemos pessoas de todos os tipos e fazemos amigos. Se praticado de maneira saudável, não há contra-indicação", explica o empresário, com R\$1 milhão de lucro no pôquer.

Se engana quem pensa que vai perder muito dinheiro aprendendo o jogo. Há dias específicos para iniciantes nos clubes da cidade. No Ilha Poker Club, por exemplo, é possível jogar uma noite praticamente de graça, pagando apenas a taxa de R\$10 que vai diretamente para os *dealers*, os responsáveis por dar as cartas e organizar a mesa.



Rene jogou cerca de 16 horas para conquistar R\$20 mil em etapa do Circuito Catarinense em B. Camboriú

Há, porém, como gastar mais. Muito mais. O The One Poker Club, localizado num dos principais hotéis de Florianópolis, tem na segunda-feira o torneio chamado "Segunda 500", onde o valor da inscrição é de R\$500, sendo que o jogador pode voltar ao torneio caso perca todas as suas fichas. Mas para isso, claro, precisa mais uma vez desembolsar R\$500.

Rene não costuma frequentar muito os clubes. Prefere focar no pôquer *on-line*. Na internet, aliás, é possível encontrar fóruns e sites que explicam detalhadamente todas as regras e instruções do jogo. Bem como treinar suas novas habilidades sem gastar um centavo e ainda começar a ganhar dinheiro. Foi assim o início do ex-estudante de Sistemas de Informação, que hoje fatura com o pôquer.

João Ricardo Ziert
joaoricardo.ziert@gmail.com

Fotos: Luiz Fernando Moraes/Zero



Um salto (bem alto) para criticar padrões

Depois da popularização do *reality show Ru Paul's Drag Race*, uma nova geração se sente à vontade para confrontar preconceitos e se expressar artisticamente com perucas, purpurina e muita maquiagem

Da cabine do DJ, Agatha Triste, uma *drag queen* com maquiagem monocromática e farta barba descolorida, agita a multidão na pista. “Tá todo mundo aqui de parabéns, porque qualquer viado que coloca uma peruca nesse país homofóbico já é um herói”. As perucas na pista vibravam, misturando purpurina ao ar esfumaçado da boate. Ao lado de Agatha, Mawu, sua colega na dupla de DJs The Genderz, já havia trocado o arranjo de cabeça com véu e flores por uma peruca preta curtinha. Halessia Rockfeller e Bea Velasco posavam ao lado das DJs com suas longas mechas loiras, enquanto na pista outra *drag* de cabelo curto arrancava as calças de seu smoking durante uma performance, deixando as pernas alongadas pelo salto alto à mostra.

Plurais em estilo, as *drag queens* tomam as ruas do Centro da Florianópolis em noite de festa *drag*. Montadas a partir de tutoriais online de maquiagem e episódios do *reality show* estadunidense *Ru Paul's Drag Race*, elas desfilam, performam e batem o cabelo como uma expressão viva de que os padrões e estereótipos de gênero e a estética corporal da sociedade precisam ser contestados. Para Bea Velasco, “a arte *drag* vem pra fazer uma crítica à sociedade e quebrar toda forma de padrões que ela impõe, principalmente com gênero. Quebrar todos es-

ses paradigmas, preconceitos — o machismo, a misoginia, o sexismo. A *drag* vem para desconstruir.”

A dupla The Genderz leva essa desconstrução para as personagens Agatha Triste e Mawu Robichaux's, interpretadas pelo designer Tiago Franco e pelo maquiador Tonny Marquis. Para a Kai-Kai, festa *drag* produzida por Franco, a preparação começou às 17h. Mawu, toda vestida de preto e com a touca já escondendo os cabelos, começa a maquiagem andrógina e conceitual, fugindo do padrão mais tradicional e conhecido de *drag*. O rosto é pintado de preto e branco em formas geométricas. O olho ganha lentes azuis muito claras e enormes cílios pretos. Depois de pronta, começa os trabalhos em Agatha. Ela dá a sugestão de fazer o rosto branco — acompanhando a barba descolorida — com apenas um círculo preto no meio. Durante a produção, corre para se olhar no espelho do quarto e grita: “bicha, tombei!”.

Mas a discussão de gênero não está presente só no *look*. Elas agora estão gravando em estúdio e a ideia da dupla é a de “duas *drags* com um *live* de música eletrônica, mais precisamente a *House Music*, berço da cultura *clubber*, da libertação sexual dos gays nos anos 80, onde a cena de ‘montação’ surgiu. Não necessariamente *drag*, mas da livre expressão através de vestimentas pouco usuais que discutem o gênero.”

Fazer uma “montação” de *drag queen* não é simples. Muitas horas são gastas vendo tutoriais de maquiagem e cabelo na internet — além de bastante dinheiro. Maquiagens, roupas, perucas e acessórios custam caro e são difíceis de encontrar. “Já cheguei a gastar 300 reais em só uma montaria”, conta Mawu. Como a maioria das *drags* brasileiras, Layzza compra suas maquiagens em lojas de festa ou pela internet, mas ainda reclama da falta de oferta dos itens no comércio da cidade.

As Genderz ainda gastam mais do que recebem com as personagens. A principal fonte de renda das duas vêm de seus trabalhos formais. Bea Velasco destaca que, principalmente em Santa Catarina, as boates ainda dificilmente contratam uma *queen* apenas pela performance. “Pra você conseguir ganhar algum dinheiro, você precisa ser *drag DJ*, que é o que as casas preferem porque acabam ganhando duas coisas: uma DJ e uma *drag performer*. Geralmente eles preferem isso porque, se forem contratar um DJ e uma *drag*, sai muito mais caro pra eles.”





Cintya Ramlov/Zero



Na festa, as drags batalham no lip syncing pela coroa de miss Kai-Kai

“Ser *drag* dói”, diz Agatha Triste. Para dar corpo às personagens, os meninos precisam aguentar a dor no pé que o salto provoca, a fita que pressiona a cabeça para segurar a peruca no lugar e as roupas apertadas, além dos enchimentos e da maquiagem. “É dolorido e um pouquinho chato. Sente dor, sim, mas pra mim é válido, compensa”, completa Layzza, que se monta desde 2010. Além da dor, muitas queens demoram mais de seis horas para ficarem prontas e nem sempre conseguem comer direito durante o processo, para não estragar a maquiagem. O jeito é fazer uma jantinha reforçada antes de começar a montagem.

Normalmente, quando alguém se monta pela primeira vez, existe a colaboração de uma *drag* mais experiente. A *drag mother* explica os passos e processos da maquiagem, ajuda com a roupa e os detalhes finais. Mas a criação da personagem é sempre muito pessoal. Layzza lembra que desde sempre foi muito independente: “Eu lembro que quando eu comecei,

minha *drag mother* me montou. Mas na segunda vez eu já quis me montar. Eu fui que nem uma palhaça na primeira vez que me montei. Fui. Com aquela maquiagem horrorosa. Mas fui. E assim eu fui aprendendo.”

Na festa que o *Zero* acompanhou, Layzza foi a *drag mother* de Mia Murder, que se montou e performou pela primeira vez naquela noite. Seguindo os conselhos de Layzza, Mia buscou as próprias referências — e sua *drag*, mais sombria e moderninha, ficou visualmente bastante diferente de Layzza, de um glamour mais tradicional. Layzza e Mia participaram do concurso de *lip syncing* (dublagem) da festa separadamente, e foram as duas finalistas. Mia ganhou, e Layzza jura que só ficou orgulhosa.

Contestação

Os motivos para uma pessoa fazer *drag* e encarar a dor, o custo financeiro e os olhares na rua são variados. Para Mia Murder, o principal é a possibilidade de se

expressar artisticamente. Ela conta que durante a performance, na balada, sentiu-se poderosa e confiante para encarar qualquer desafio — mesmo *out of drag* (quando não está montada). Estar em cima de um palco rodeada de uma multidão em êxtase e passar a noite tirando fotos com outras *drags* fabulosas fez muito pela sua autoconfiança.

Mas, para Mia, sair na noite montada também é um ato político. Ela lembra inclusive que sua militância e seus estudos das causas de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Transgêneros e Travestis (LGBT) ajudaram a compreender melhor as *drags*, antes de decidir se tornar uma. Para Mawu Robichaux, “Sendo *drag queen* você já tá meio que protestando contra o preconceito, porque se montar é você ser uma mulher por uma noite, então você sofre com isso, você vê de uma outra forma o mundo.” Agatha também vê caráter político em seu trabalho. “Mesmo que algumas *drags* não tenham se dado conta disto, é enfrentamento, discussão de identidade de gênero, padrões e comportamentos

normativos. Tenho essa consciência e meu trabalho é focado nisto. É arte política, brincar com lúdico e trazer questionamentos através da arte.”

Bea Velasco lembra que as *queens* contribuem para “mostrar que não existe só o masculino e o feminino que a sociedade convencional. As *drags* também representam e dão visibilidade para a questão trans, e ainda lutam pela liberdade de expressão para fazer tudo isso.” Fiona, maquiadora e *drag queen*, destaca que a popularização das *drags* entre LGBTs contribuiu para diminuir o machismo e a misoginia dentro do meio. “Teve uma vez que a gente tinha se montado pra ir numa festa e uma das *drags* precisava sacar dinheiro à noite. E ela tava morrendo de medo! Pensei: ‘nossa, as mulheres sentem esse medo todo dia, sempre que precisam sair à noite an-

dando’. Como é importante que nós, como homens, mesmo travestidos, consigamos nos colocar no lugar delas. Eu acho que a gente tá num momento de luta contra todos os tipos de preconceitos. A gente tá falando de direitos humanos”.

Para Mawu, cuja *drag persona* traz referências de religiões de matriz africana, ainda há espaço para quebrar preconceitos religiosos e raciais. “Meu *drag* serve também pra valorizar o afro, valorizar essa nossa cultura, porque o Brasil é muito afrodescendente e precisaria ter mais orgulho disso. A primeira ideia era não mostrar uma rica européia. Eu queria mostrar uma personagem étnica.”

Inspiração

O boom da série *Ru Paul's Drag Race* — uma competição com provas de roupas, maquiagem, dança e *lip syncing* — foi decisivo para a popularização das *drag queens* no Brasil. Mia Murder conta que dentro do meio LGBT as *drags* ficavam um pouco de lado, e o sucesso da série acabou abrindo um espaço para discussão.

Bea Velasco pondera — mesmo assumindo que Ru Paul é uma de suas inspirações — que “essa popularização é uma coisa que ele trouxe, mas talvez não dure muito tempo. Hoje qual-

“Qualquer viado que coloca uma peruca nesse país homofóbico já é um herói”

quer gay já quer se montar, já quer colocar uma peruca, quer sair batendo cabelo e muitas vezes a arte *drag* é desvalorizada.”

Ainda assim, ficou visível durante a festa acompanhada pelo *Zero* que muitas *drags* estão surgindo e se sentindo mais confortáveis para se montar. Fiona considera que “colocar isso na televisão, em canal nobre, no Netflix e fazer isso rodar pela internet faz com que a gente comece a falar muito melhor e muito mais abertamente sobre essas questões”.

Cintya Ramlov

cintyaramlov@gmail.com

Manuela Tecchio

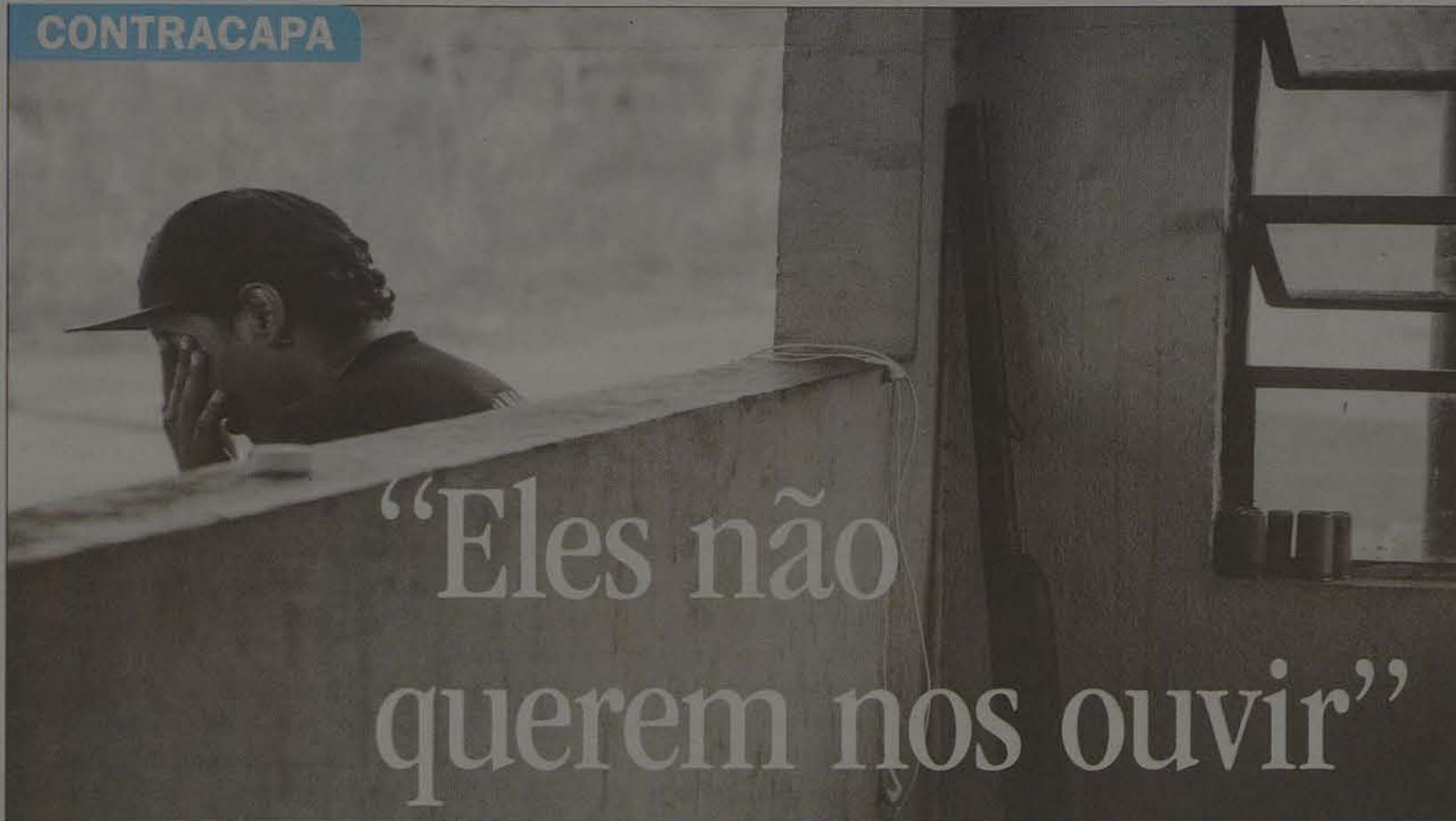
manuela.tecchio@gmail.com

Marina Gonçalves

marinajulianag@gmail.com

Marina Gonçalves/Zero





Pedro Aguiar Stropasolac/Agência pessoal

“Eles não querem nos ouvir”

*A foto é meramente ilustrativa e não representa o adolescente entrevistado pelo Zero.

Zero conversou com um adolescente de 16 anos* na periferia de São José sobre a redução da maioridade penal

A Câmara dos Deputados aprovou, na última quinta-feira (2), em primeira instância, uma emenda à Proposta de Emenda Constitucional original de redução da maioridade penal, que prevê a diminuição em casos de crimes hediondos: estupro, sequestro, latrocínio, lesão corporal seguida de morte e homicídios dolosos, qualificado ou com grupo de extermínio. A segunda votação gerou polêmica no plenário por ter um texto muito similar ao velado no dia anterior, que previa a medida para crimes hediondos e graves, como lesão corporal e roubo qualificado. A nova proposta foi aprovada com 323 votos a favor, 155 contra e 2 abstenções. Agora ela deve ser votada novamente pelos deputados para seguir para o Senado Federal.

A PEC 177/93 é uma proposta do deputado Benedito Domingos (PP/DF), que tramita no Congresso Nacional há 22 anos. Por ser uma emenda à Constituição ela deve ser votada na Câmara dos Deputados e no Senado Federal e não cabe veto da presidência. Os deputados estão discutindo as emendas feitas, em duas décadas, ao projeto original. A alteração aprovada foi de autoria de Rogério Rosso (PSD/DF) e André Moura (PSC/SE).

O tema motiva debates na mídia e nas redes sociais. O Zero entrevistou um adolescente de 16 anos sobre as mudanças que a PEC propõe.

Zero: Você soube da PEC de redução da maioridade penal e qual sua opinião?

Jean Carlos: Eu soube pela escola primeiro, mas tem se falado em tudo quanto é lugar, mas a opinião do jovem, que é a que deveria ser ouvida, ninguém quer saber. É sempre a opinião de delegado, de juiz, de político, pessoas que talvez tenham algum

conflito de interesses. Então sempre fica um ponto de vista meio manipulado. A maior parte da população vê a opinião do policial mas não a opinião do jovem, que é o maior interessado ou o maior prejudicado da história.

A gente sabe que o sistema prisional é uma piada de mau gosto, porque ele não funciona. Se não consegue ajudar uma pessoa maior de idade, que sabe que fez uma coisa errada, mas se ela vai presa não tem nada no presídio que vá inspirar a pessoa a melhorar.

Então se pra um adulto já é difícil de mudar uma coisa que ele faz errado, imagina pra um adolescente, que é tão sugestível? Não estou dizendo que se o adolescente cometer um crime ele tem que sair impune, todo mundo que comete algum erro acaba sendo punido. Só que ao invés de só apontar o dedo para o erro, acho que a sociedade deveria ajudar.

Você percebe uma certa vulnerabilidade dos jovens do Zanelatto a “atividades ruins” por falta de um suporte maior da família ou da escola?

Acontece bastante. Eu não sei exatamente como é a estrutura familiar delas, mas muitas [crianças] provavelmente não têm pais tão presentes. Só sei que muitos acabam indo pra criminalidade, talvez porque não têm as oportunidades que eu tive ou têm mas não conseguiram reconhecer e aí achou que o crime pudesse dar um futuro melhor pra elas. Só que o futuro que elas vão ter não é bom, mas é a única perspectiva que elas têm. Tem aquela velha história: se está no crime ou é cemitério ou é cadeia. Esse não é um futuro que ninguém vai querer ter, mas é porque a sociedade não quer dar uma oportunidade. Aí só o que te sobra, mesmo que seja errado, é isso.

Qual você acha que é a opinião de outros jovens da sua faixa etária?

Eu não sei como eles pensam, mas eu acredito que eles não concordariam, por diversos motivos. Alguns até tentam sair da criminalidade, mas como não existe ninguém tentando ajudar, fica um pouco mais difícil. Eles também não acham que ser preso com 16 anos vai ajudar eles. A pessoa pode melhorar sim, mas se ela tentar fazer isso sozinha é muito mais difícil do que se alguém tentar ajudar. Acho que eles não concordariam [com a PEC] também.

Eu ouvi alguns adolescentes mesmo dizendo que eram a favor da redução, porque uma criança de 10 anos já sabe o que quer fazer. Não dá pra dizer que todos os adolescentes de 16 anos sabem o que é certo ou errado ou que podem ser presos por um crime que eles fizeram. Às vezes ele sabe que é errado, mas ele não tem outra opção do que fazer. Ele tem que traficar, porque precisa ajudar a sua família.

Você se sentiria mais vulnerável com essa proposta?

Sim, se acontece da pessoa ser presa mesmo sem ter feito nada, imagina como eu me sinto? Esse projeto não é benéfico pra sociedade, ele só serve pra pegar aquele jovem que faz algo errado, sem muitas vezes saber que está errado e jogar ele numa cadeia, tirar dos olhos da sociedade. Porque é isso que acontece hoje. A pessoa comete um crime, é presa e daqui um tempo volta a estar livre e continua sempre esse ciclo vicioso.

Você vê mais jovens sendo a favor do projeto ou mais adultos?

Mais adultos dizendo isso. Só que muitos dos que eu vejo não sabem por que seria bom ou ruim. Só acham bom, “porque bandido tem que estar na cadeia”. E, sinceramente, muitos dos políticos que aprovam a redução da maioridade penal são conservadores, fazem parte da famosa

bancada evangélica, que não deveria nem existir. Eles pensam de uma forma, mas eles não têm o direito de impor seu pensamento pras outras pessoas, como tentam fazer.

Aquelas pessoas que acham que bandido tem que só ser preso, que quando um policial mata um criminoso ele é um grande herói da sociedade. Eu acho errado, porque o papel do policial não é matar ninguém, não importa o crime que cometeu, ele tem que prender a pessoa pra que ela passe por todo o processo jurídico.

Acho que o que deve se dar enfoque é que as pessoas vão muito pelo cunho da mídia e não procuram se aprofundar. Por exemplo, quando você vê que um adolescente cometeu tal crime, eles dão enfoque para o adolescente. Sempre

teve menor de idade que cometeram crimes, assim como sempre existiram adultos e isso não vai diminuir reduzindo a maioridade penal. Eu acho que isso não melhora em nada, mas a opinião do adolescente ninguém nunca quer ouvir. Então independente do que a gente acha essa lei provavelmente vai ser aprovada.

E o que você acha que pode ser feito pra barrar essa PEC?

Sinceramente eu acho que não tem muita coisa que a gente possa fazer. Por que eles decidem o que eles bem querem e a população que se dane. O que os senadores entendem de sociedade na vida real? Eles vivem num condomínio de luxo, bem cercados, bem vigiados. Enquanto a população que vive sem muita segurança fica à mercê da opinião de poucas pessoas. Eu não entendo como pessoas que não conhecem a realidade de verdade podem ter o direito de decidir o destino de milhares de pessoas.

Michelo de Mello
micheledemellomm@gmail.com